

obras de **JOSÉ
RODRIGUES
MIGUÉIS**

VIII

obras de
**JOSÉ
RODRIGUES
MIGUÉIS**

VIII

PASCOA
FELIZ

ESTÚDIOS
COR

**JOSÉ
RODRIGUES
MIGUÉIS**

Pascoa Feliz



ESTÚDIOS COR

- 1.^a EDIÇÃO: 1932 (Ed. Alfa)
2.^a EDIÇÃO: Setembro de 1958
3.^a EDIÇÃO: Fevereiro de 1965
4.^a EDIÇÃO: Novembro de 1974

Signatura: <i>dp 2469</i>
Inv. č.:
KNHOVNA ROMÁNSKÝCH STUDIÍ FF UK Nám. Jana Palacha 2, v. p. Praha 1

Filozofická fakulta
Univerzity Karlovy v Praze



* 2 5 5 4 1 1 5 3 5 *

Direitos literários reservados

Editorial Estúdios Cor, SARL
Lisboa
1974

I

O juiz mandou-me finalmente erguer e, sem tirar os olhos dum maço de processos que tinha sobre a mesa, perguntou-me:

— Tem mais alguma coisa a alegar em sua defesa?

Era um homem de olhos pequeninos, penetrantes, entrincheirados nuns óculos de míope, e tinha os cabelos raros e revoltos sobre a testa vasta e luzidia. Acompanhara todo o julgamento com a mesma automática indiferença com que certos padres oficiam. Digo mesmo: como se não acreditasse na eficácia da Justiça.

O delegado, esse, compusera uma grande e nobre seriedade para a galeria, que seguiu com ávido interesse o julgamento, não decerto por amor da Justiça, nem porque eu lhe inspirasse comiseração: mas para ouvir relatos dramáticos e torpes. Que disse ele na sua acusação? Não me posso lembrar precisamente: coisas confusas, palavras ocas, gestos... Apenas sei que terminou

pedindo contra mim a mais grave das penas applicáveis aos meus crimes.

Quanto aos senhores jurados, bocejavam, quando não dormiam. Do meu defensor, é estranho, mal me lembro. É inútil insistir. Ai de mim, no meu passado alguma coisa há-de ficar inexplicável. Durante o julgamento caí provavelmente numa destas letargias que me alheiam por completo do ambiente. Desde muito novinho que certos estados de abstracção, ou de torpor, me perturbaram ou inibiram a atenção: durante eles o espírito como que me abandonava, deixando-me entregue ao puro mecanismo vegetativo.

Estremeci. A pergunta do juiz fez-me voltar a mim. Ergui-me e levei a mão direita ao bolso interior do jaquetão, na intenção de puxar do manuscrito que compusera para ler ao tribunal. Um instinto, porém, advertiu-me a tempo: em lugar dos papéis, saquei do lenço, e enxuguei com ele o suor que me escorria da testa. Deixei o rolo no fundo da algibeira, e, depois duma pausa, com as mãos pendentes, inclinando-me um pouco, respondi com voz nítida e pausada:

— Declaro mais uma vez que pratiquei todos os crimes de que sou acusado!

Ao dizer isto, o meu coração palpitou vivamente, de quase amorosa alegria.

— Está bem — disse o juiz, sem olhar para mim. — Sente-se além e espere.

— Aí não, daquele lado! — explicou o beलगuim, atalhando-me a passagem.

Ouvi atrás de mim um soluço abafado num lenço (era a Luísa) e depois um rumor de comentários excitados. Senti-me cheio de orgulho e atirei um olhar de desafio à multidão que enchia o tribunal. É que eu sou na verdade um caso raro!

Sentei-me num banco, junto da teia, no meio de outros réus, que me olhavam com estranheza e curiosidade. Um deles, que eu nunca vira, acotovelou-me e disse-me ao ouvido num tom de voz familiar e um hálito medonho:

— Apanhas a carga toda!

Encolhi os ombros com indiferença.

Houve em seguida um burburinho; os senhores jurados ergueram-se, batendo as solas no estrado, esticando as pernas que a imobilidade entorpecera, e foram saindo em fila por uma porta baixa, ao fundo, conversando e rindo, com muitas vénias e teimas, enquanto o juiz, reanimado, dava instruções ao presidente. O delegado sumiu-se, muito digno, sobraçando a pasta. No vão duma janela, dois advogados de longas cabeleiras discutiam como dois fariseus sobre pontos da Lei, com affectada e quase cómica solenidade, e segredavam rindo. Na bancada da defesa, absorvido em admiração e estupidez, um estudante seboso e cabeludo procurava fixar-lhes a atitude e o gesto. Era o meu defensor!

O escrivão não se mexeu do seu lugar: amarelado e distraído, tinha o ar dum processo arquivado e esquecido sob o pó. Conservou as mãos descoloridas e magras cruzadas sobre o pano vermelho da mesa, todo esburacado, e não se atrevia a fitar-me nos olhos. Reparei no entanto

que me observava a espaços, disfarçadamente, com uma expressão de mágoa ou piedade; então, pus-me a olhá-lo com tal insistência que o obriguei a corar. Ri-me e deixei-o em paz.

É quase certo que, lá por dentro, me chamou cínico e descarado.

O tempo corria devagar, naquela sala que mais parecia um longo esquite, de paredes empoeiradas com painéis antigos de azulejos pintados a flores convencionais. De quando em quando ouvia-se o tilintar das armas dos soldados. Uma aranha, indiferente às misérias e pompas da Justiça, tecia a sua teia num velho bico de gás, sobre as nossas cabeças.

Cheirava mal: a suor, a aguardente e a pó. O ar espesso e envenenado entorpecia. Os guardas dormitavam de pé. O rumor das conversas subia num crescendo, até que o beleguim lhes punha termo com um berro. Podia-se então ouvir o zumbido de duas moscas que turbilhonavam sobre a calva do escrivão como dois acrobatas numa pista. O pobre homem sacudia-as com um desespero fatalista. Assoei-me para que não me vissem rir.

Nesse momento, um sujeitinho gordo e corado veio cochichar-lhe qualquer coisa ao ouvido, deu-lhe uma palmada amigável e eloquente nas costas atrofiadas, e desapareceu, sorrindo para a turba com ar de alegre suficiência e fazendo adeusinhos com a mão papuda para todos os lados. Era um causídico famoso nos anais do

crime. Concluí que o escrivão devia sofrer de enterocolite mucomembranosa e de contrariedades domésticas.

Mas tanta expectativa acabou por me impacientar: para que diabo haviam de perder tanto tempo, se a minha condenação era certa e segura, e eu a desejava do mais íntimo da alma? Pensei na penitenciária, e alvorecei-me: devia ser bem melhor que o tribunal. Este aparato sem dignidade nem grandeza, a acumulação de gente, o movimento incessante, a companhia dos outros réus, tudo me desviava dos meus interesses mais vivos e profundos. Eu não tinha sequer esboçado uma defesa. Estava morto por me ver dali para fora, condenado, arrumado para sempre, livre do mundo.

Minha mulher esperava atrás de mim, para além da teia. Voltei-me a olhá-la, e via-a sorrir entre as lágrimas. Creio que me fez um sinal, mas não cheguei a percebê-lo. Tinha os olhos pisados. Ergui os ombros, desinteressado, pois nenhuma dor, nem mesmo a dela, já me impressionava. Ao contrário, desejava não tornar a vê-la, esquecer tudo, seguir um rumo novo. A dor humana perdera para mim todo o sentido.

O manuscrito que eu tinha na algibeira era a tentativa de explicação do meu procedimento. Não se riam. Não queria, com ele, atrair sobre mim a complacência do digno tribunal, mas provar que a natureza do meu crime era duma complexidade excepcional, que o punha fora e

muito acima dos seus fáceis juízos. Escrevera-o à pressa, na cadeia, durante a instrução do meu processo, pensando, comovido, no efeito que a sua leitura iria produzir no julgamento. Mas na verdade, que importavam àqueles homens indiferentes as razões do meu crime e da minha serenidade, que eles por certo classificaram de cinismo?

Os cidadãos desejam que se lhes torne o mais leve possível o «direito» de julgar. Teriam morrido de tédio, ter-se-iam talvez rido, ao escutar a verdade minuciosa dos meus estados de alma. A Verdade, para os cidadãos, é sempre cómica ou corrosiva: desperta o riso — ou reclama medidas de segurança. A que interessa aos tribunais é uma verdade formal, relativa, decalcada nos figurinos da Lei. No fundo, os jurados eram necessariamente estúpidos: a ordem psíquica e moral estava-lhes vedada. Factos! Factos! — Eu seria para eles, apenas, *o homem que matou para roubar*.

De repente, abriu-se a porta do fundo e o beleguim bradou:

— Está reaberta a audiência! Façam favor de se alevantar!

O juiz e os jurados entravam de novo no pretório. Toda a sala se encheu de rumor e agitação. Respirei aliviado. Era o epílogo da farsa — para mim, o começo de tudo. À custa de ameaças e empurrões, no meio dos quais se erguia o choro desesperado e agudo duma criança, tudo serenou

em menos de um minuto, e o presidente do júri, todo curvado, ajeitando as lunetas aflitivamente, leu quesitos e respostas no meio dum silêncio tumular. A sala inteira parecia pender dos seus lábios ressequidos e incolores. Atrás dele, hirtos e inexpressivos como acólitos de padre num enterro, os jurados esperavam a sua própria libertação. O juiz interrompia às vezes a leitura, impaciente, para dar esclarecimentos, e eu moradia a boca para não rir nem gritar. A cada resposta — «está provado por unanimidade» — acendia-se um rumor de comentários. O juiz sentou-se por fim, e, folheando um velho código de folhas amareladas e cobertas de notas, redigiu rapidamente a sentença. Ouvia-se o ranger do aparo, o roçar das folhas do livro e o pigarro dum jurado velho. Chegou-me um aroma fresco de laranja vindo da janela, como um raio de sol... Apanhei a *carga toda*, conforme profetizara o camarada.

Senti-me empurrado, sacudido, levado pelo braço. Seguiu-se uma enorme confusão. Não me posso lembrar do que se deu a partir daquele instante: recaí decerto no meu alheamento, como num sono de ópio. Só muito mais tarde, na cadeia, consegui com muito esforço, e mesmo assim com falhas, reconstituir a cena do julgamento, que de todo se me varrera da memória. Não há dúvida, eu reconheço que há qualquer coisa em mim. Por isso já não estranho que estas recordações me subam indistintas, enevoadas, sem nexos — como se outro, e não eu, as houvesse vivido.

II

SINTO-ME bem nesta cadeia. É um belo edificio claro, em pavilhões de dois andares, isolados no meio duma grande cerca arborizada, que um alto muro separa, julgo eu, de caminhos e terras cultivadas. Nenhum rumor chega de fora. Às vezes, vou até junto desse muro, que a hera muito densa envolve de poesia, e, numa sombra repousante e fresca, abandono-me a ouvir os pequenos murmúrios da terra e do ar — uma folha que tomba, um pássaro que trila, um insecto que zumba, um gorgolejo de água — e assim levo muitas horas do meu dia, meditando e escrevendo, como os frades antigos, até que um toque de sineta me venha chamar para a comida ou para o recolher.

Tudo me parece raro, novo e extraordinário. Só agora descubro o oculto sentido de muitas coisas — e mais pela emoção que me provocam do que pelos juízos que formulo. Assim, depois

dos meus erros e crimes, pergunto a mim mesmo se será legítimo viver com tanta calma e despreocupação: um criminoso não deveria ter dores, ser torturado? A punição é apenas isto?

Sim, tenho há muito a impressão de que vivo num sonho. A vida corre com uma serenidade impressionante. Penso quanto, noutro tempo, eram felizes os homens a quem se concedia o direito de fugir, como eu fugi, afinal, à vida angustiada do mundo. Quase me julgo feliz. E porque não?

A cadeia não é como eu supunha, nem o que se diz lá fora. Nada nos falta, tratam-nos bem, embora vivamos numa quase completa solidão. Isto a mim agrada-me, de resto: aborreço o convívio dos homens. Só na aparência os considero meus semelhantes. Aqui, sou apenas um número: o 28.

Vejo agora quanto a criminologia tem progredido no sentido da mais ampla liberdade: cada qual faz o que quer — ou não faz nada. Muitos presos passam os dias metidos na cama. O trabalho deixou de ser obrigatório. A regeneração do criminoso obtém-se agora, ao que parece, por uma forma espontânea, a que eu, se dão licença, chamaria a «psicoterapia da indulgência».

Toda a casa é irrepreensivelmente asseada. O meu quarto é branco, limpo, tem um tecto alto e uma enorme janela *sem grades*, donde enxergo um vasto panorama de pinhais e terras de lavoura.

Não posso deixar de registar, no entanto, um facto muito estranho: às vezes, durante a noite

(eu durmo pouco e tenho o sono leve), sobresalto-me ouvindo gritos, discussões, gemidos, um rumor de luta e de pancadas, e mesmo um estilhaçar de vidros... A primeira vez que tal aconteceu, cobri-me de suores e fiquei todo arrepiado. Receei que se aproveitassem da noite para nos aplicar um tratamento um pouco rude. Como tudo se calou, tornei a adormecer. O caso repetiu-se, e cheguei a julgar-me vítima de alguma ilusão. Porque gritavam? Intrigado, ergui-me várias vezes para escutar, mas acabei felizmente por me desinteressar do que se passa nesta grande casa de aspecto misterioso. São presos que se revoltam, ou que brigam, e a quem aplicam penas corporais? Não sei. Renuncio a sabê-lo. Ninguém me dá, nem eu peço, explicações. Nada me importa, os outros não existem para mim... Que façam como eu: calo-me, obedeço, vivo tranquilamente. De que serve a liberdade? Livre, o homem corre ao precipício.

Outro facto que de começo me indispôs: não me deixam ler os jornais, nem mesmo os antigos, onde poderia encontrar certos dados cuja falta me perturba.

Que terá dito de mim a grande imprensa?

Não tenho notícias do que vai pelo mundo. Não sei mesmo onde me encontro. Vivo como um cenobita.

Isto é bom.

O que desta gente me separa é o receio de ser diferente, um outro.

Oh, este horror de sentir a realidade fugir sob os meus próprios passos! Trabalhosamente, recomponho o «Eu», que a presença dos outros dissipa e confunde.

Isto é claro e horrível... Muitas vezes, subitamente, parece que deixo de ser *eu*, e a própria ideia do meu crime se obscurece, o meu passado é outro, como se uma força poderosa me arrasasse para um novo plano da existência. Então, fujo e luto comigo, a sós, desesperado.

O isolamento e a calma da prisão permitem-me pensar melhor e ordenar tantas recordações. Embebido em mim mesmo, sinto arder, mais vivo, o meu poder de concepção, e ainda espero compor alguns volumes de análise introspectiva. Vou meter o Nietzsche num chinelo.

Penso às vezes com piedade na insensatez dos que lutam apaixonadamente pela vida livre; chego a rir do meu próprio passado, eu, que já me deixei arrastar pelo remorso e pela dor. Agora sinto-me perfeitamente sereno. Não imagino o que isto representa para mim! Estou sentado a escrever; sinto um sopro de Primavera vir de fora, pela janela aberta, nos raios do sol, e ouço na cerca o ramalhar das árvores cobertas de verdura nova, que o vento acaricia brandamente. Vozes... Também um sentimento novo de alegria me agita o coração.

Toda a gente aqui tem, para mim, deferências impressionantes. Só alguns dos companheiros, pobres náufragos que passeiam como eu na cerca,

parecem querer às vezes provocar-me. Que mal lhes fiz? Estranhos tipos a quem a clausura parece ter roubado o senso! Dizem coisas perfeitamente infantis e sem sentido; mas os guardas que nos vigiam levam-nos logo para longe de mim.

Não me admira que estejam loucos, se, como se julga, o isolamento produz graves afecções, mesmo em quem foi sempre equilibrado. Sim, a solidão é um privilégio de raros, o domínio dos fortes! Uns aproximam-se para me fazerem confidências absurdas ou monstruosas. Um declarou chamar-se Ivânov e ser domador de leões: é um pobre raquítico, que mal se tem nas pernas. Outro jurou-me ser o Imperador Guilherme, e estar aqui esperando que o Hindemburgo o venha buscar para tomar Paris de assalto. Provavelmente são as alcunhas que outrora lhes deram, e com as quais as suas imaginações sobreexcitadas compuseram lendas... Outros insultam-me ou segredam-me obscenidades, aventuras de amor que são de arrepiar, ocorridas *aqui dentro*, com mulheres misteriosas que ninguém sabe donde vêm nem para onde vão. E há os que me fazem gestos lascivos ou provocadores, de longe, por entre as árvores da cerca. Volto-lhes as costas, com indiferença. Nem já sequer me causam piedade. Porque os não metem numa enxovia?

Recebo poucas visitas e, coisa estranha, não reconheço algumas das pessoas que se dizem das minhas relações. Interrogam-me, invocam

nomes, datas, olham-me com espanto e curiosidade. Com franqueza, irritam-me. Às vezes trato-as mal. A impressão que me fica é de tê-las conhecido, sim, mas numa vida anterior de que me não resta lembrança viva... Há certos enigmas contra os quais luto em vão.

São talvez pessoas que se interessam pelo meu «caso»: romancistas, quem sabe, ou psicólogos. Deixá-lo. Minha mulher também vem, às vezes na companhia de estranhos. Faz-me dó. Olha-me com tristeza e com receio, como se eu estivesse transtornado. Veste de escuro. Trabalha decerto para comer, e tem os olhos pisados. Agarra-se de repente a mim, a soluçar, e diz-me: «Lembra-te! Lembra-te!...»

Oh, meu Deus, estas cenas perturbam-me, e eu não posso, não posso mais! Sinto que perco o equilíbrio... Deixem-me só! Deixem-me só! Que queres tu que eu recorde? Por que teimam todos que me lembre? Que me lembre — de quê? de quem?

Recebo-a, pois, sem nenhum entusiasmo. Imaginem que às vezes me vem surpreender num dia de inspiração ou de trabalho: procuro despachá-la o mais depressa que posso. As mulheres imaginam que nós devemos sacrificar os mais altos fins da existência às futilidades sentimentais, ou à recordação do que passou — do que deixou de ser.

Quero-me só com o meu presente. O passado não me importa. É bom adormecer com a certeza de que «amanhã» será uma coisa diferente. Porventura o *eu* de hoje continua o de ontem? O pas-

sado não existe, é uma ideia que alteramos a nosso gosto. Cada dia que nasce traz uma vida nova.

Entre nós tudo acabou. Tenho pena dela. Mas porque não se divorcia? As mulheres não compreendem certas coisas... Se encontrasse um marido honesto e dedicado, ainda podia ser feliz, e eu ficava contente. Como eu consigo já não ter ciúmes! E acreditem: estimo-a muito. Pobre Luísa!... É preciso ser puro. Mas ela não entende!

O director da cadeia é muito amável para mim. Não sei que lhe fiz. Tem comigo atenções que não posso esquecer. Anda sempre de bata muito branca. Interroga-me às vezes demoradamente, e já conseguiu reavivar-me a lembrança de certas coisas que eu julgava ter esquecido para sempre, talvez por serem tão banais. E fá-lo de tal modo que não me atrevo a resistir-lhe.

— Vês tu? — disse-me ontem de manhã, sentado na minha cama. — Já conseguiste recordar coisas bem sugestivas. Temos de continuar!

Prometi mostrar-lhe este manuscrito, logo que o tivesse acabado. (É a revisão do que levei ao tribunal.)

— Pois sim. Mas trabalha devagar. E escreve tudo — *tudo!*

— É impossível. Há coisas que eu não consigo esclarecer.

— Mas faze um esforço. Talvez eu possa ajudar-te. É para teu bem.

— Mas eu não quero sair daqui!

Acorda-me de noite, sem motivo aparente, para me fazer certas perguntas. Mostra-me retratos, conta-me incidentes que me parece ter já lido algures...

— Hás-de curar-te — diz. — Hei-de acabar por te restituir a memória completa de ti mesmo! — E de repente: — Quem era o Abílio?

Estremeço. O Abílio... Uma angústia indefinível:

— Espere! Espere! Eu lembro-me... Conheci um...

— Quem era? Onde vivia?

O Abílio... Eu sabia, eu sabia! Mas é impossível distinguir... Eu quero, mas há um muro que me separa não sei de quê... Uma angústia, como se dentro de mim um animal lutasse contra a minha vontade...

— Não posso! Não posso! Não quero...

Aquele simples nome, tudo se convulsiona em mim.

— Há um mês não conhecias este nome. Hoje conhece-lo?

— Conheço...

— Obrigado.

Obrigado — porquê? Que interesse tem ele nisso? Que lhe importa o que adormeceu cá dentro? Detesto que me façam perguntas.

Eu já sofri. Já fui um descontente, um revoltado, se quiserem. Hoje vivo serenamente. A serenidade é a maior virtude da inteligência.

O que houve em mim foi um simples conflito dos meios e dos fins. Todo o meu drama se resume nisto. Não discutam se sou mau ou bom. Os actos são bons ou maus, não segundo a vontade, mas segundo os efeitos. E há fatalidades que nos impelem, através do mal, para um destino de beleza perfeita.

A ideia do mal faz-me pensar na Sociedade: estamos quites! Nada fez por mim, nada lhe devo, vivi à margem dela como um cardo à beira dum caminho. Também a não acuso. Não passa duma abstracção para que apela quem já nada espera de si mesmo... Não há senão indivíduos. (Verdadeiramente, só eu existo, eu e estes pensamentos.) E todos exigimos dela alguma coisa!

Mas porque hei-de eu pensar no mundo? É um hábito que fica. Detesto a vida activa. Os gestos que faço, os passos que dou, perturbam-me a vida interior, que é o meu prazer. Esquecimento, quietação! Doutor, não me olhe assim! Não me pergunte mais nada!... Tenho amor a esta casa onde adquiri a certeza definitiva de que existo, porque penso.

Nesta hora solene em que revejo, comovido, a minha biografia, para que hei-de mentir? Eu sou *o homem que obedeceu*.

Não me considerem pois um criminoso.

III

NÃO suponham agora que eu vá contar-lhes toda a minha vida: uma vida conta-se em duas palavras — ou então nem mil páginas de prosa cerrada chegam para contá-la. Quero porém (numa preocupação de rigorismo, ousou dizer, científico) dar-lhes o quadro geral duma existência, o terreno em que teve lugar a luta de que hoje lhes vou falar.

Chamo-me Renato Lima. É um nome que nada oferece de particular, se exceptuarmos não sei o quê de poético ou novelesco que poderia dar lugar a erradas interpretações, quer dizer, a uma ideia falsa da minha personalidade. Em primeiro lugar, não tenho interesse algum, podem crer, em esconder o meu verdadeiro nome. Para quê, se tanta gente com certeza o conhece dos relatos da imprensa? Em segundo lugar, os nomes dão-nos fisionomia, ou completam-na. Aí está um

belo tema para um estudo: a que obedece a escolha do nome? que obscuras razões influem nessa escolha? como é que o nome pode relacionar-se com a fortuna do seu portador? É um velho e profundo problema, como todos aqueles que o vulgo anónimo tomou à sua conta. Assim, não mostram as raparigas casadoiras uma decidida preferência por certos nomes? Até, se não me engano, mais de uma cantiga popular consagra o princípio das relações verdadeiramente herméticas do nome e do destino, ou das qualidades do seu portador. Muitas vezes, com um simples nome, construímo-nos de certas pessoas imagens que a realidade contesta: em geral, ficamos surpreendidos, se não despeitados. Ora, do nome de Renato não sei se falam cantigas; mas, no que me toca, a sua origem é perfeitamente novelesca. Minha mãe era novinha quando *A Comarca de Riomil* — donde era natural — andou publicando um folhetim de aventuras políticas e amorosas, cujo protagonista, «Renato», reunia a uma rara beleza varonil uma grandeza de ânimo que o levava a sacrifícios indescritíveis e às situações mais patéticas. Infelizmente, os irreduzíveis antagonismos políticos entre «pernetas» e «cachimbanas» (assim se chamavam na terra os dignos representantes das duas correntes ao tempo dominantes no Reino) asfixiaram precocemente o esperançoso hebdomadário e, com ele, o Renato das *Paixões Nobres*. Minha mãe guardou dele uma lembrança imperecível — que eu estive longe de confirmar. Várias vezes tentei, sem resultado, descobrir nas bibliotecas a obra,

cujo autor me é desconhecido. Gostaria de comparar dois destinos...

Tenho trinta e seis anos, sou casado e natural de Lisboa. Meus pais eram ambos da Beira, e há muitos anos já que descansam algures. Nada sei desta família obscura que saiu da terra como as árvores e os bichos — e para lá voltou.

Eram gente humilde. Mas a genealogia nunca foi o meu forte. E eu próprio me habituei desde cedo a não contar com os parentes. (Ou foram eles talvez que a isso me habituaram.)

Meu pai trabalhou muitos anos numa fábrica de cervejas e gasosas. Ainda hoje, o cheiro peculiar que essas fábricas espalham me dá uma tristeza desgarradora. Também recordo os seus sonos atroadores, e as suas iras, que minha mãe aparava nas costas, resignada, e a mim me faziam fugir de casa chorando de terror. Era um pobre homem boçal, deformado pelo trabalho e as privações, peludo, a cor terrosa, de olhos encovados e inexpressivos que só a ferocidade fazia fulgurar. Falava pouco, em grunhidos que lhe saíam por entre os bigodes murchos e sem cor. Não me lembro de o ver sorrir, beijar-me, falar comigo, acariciar-me com a sua mão nodosa e cabeluda. Nunca me levava a um passeio, como os outros pais fazem aos filhos. A sua presença enregelou-me sempre. E apesar disso, não é estranho?, eu amava-o. Era talvez antes a ideia de ter pai que eu amava! Enterneço-me às vezes vendo na rua certos homens que me fazem pensar

nele: azeiteiros, vendedores de hortaliça, e sobretudo os vendedores de vísceras de vaca, que têm qualquer coisa de feroz nas mãos sempre ensanguentadas. É talvez um sentimento de tardia, inútil piedade.

Um dia, já ele tinha morrido, minha mãe levava-me pela mão, numa rua da Baixa, quando vi um carroceiro que guiava o seu cavalo a trote. Não sei porquê, reconheci nele meu pai, e, largando a mão que me retinha, deitei a correr pela Rua dos Fanqueiros abaixo, e a gritar como louco: «Pai! Ó meu pai! Ó paizinho!» Muita gente parou a olhar enternecida este pequeno que queria por força o *seu pai*... Minha mãe, aflita, corria atrás de mim tentando desenganar-me. Por fim, o homem percebeu que os gritos eram com ele (ou alguém lhe fez sinal), puxou as rédeas ao cavalo, e voltou-se para mim. Estendi-lhe os braços. Condoído, pegou-me ao colo e levou-me a dar uma volta na carroça pelo Terreiro do Paço. Maravilhado, abraçado nele, foi essa a única vez que beijei meu pai — naquele desconhecido. Quando me depôs no chão, ao lado de minha mãe, o carroceiro perguntou-lhe se ela não me queria *vender*: «Olhe que eu sou pai de seis filhos!» A pobre recuou horrorizada, e eu fiquei definitivamente sem pai.

Minha mãe engomava roupas para fora, cuidava da casa e de mim, cozinhava quando havia o quê, corria a casa dos fregueses, ao «prego» e às compras, falava sozinha, chorava sentada num banco da cozinha — e só não descansava, porque o repouso, essa difícil ocupação, parecia

não estar previsto no programa do seu destino. Vejo-a sempre com um vinco de sofrimento e inquietação no rosto pálido e macio, só agora o percebo: precocemente envelhecido.

Havia nas nossas «relações» um Senhor Conselheiro que morava na Rua do Salitre, numa casa com passadeiras e palmeiras em vasos na escada, e que veio a desempenhar na minha vida um papel de importância. A única função dos conselheiros foi, de resto, sempre essa — representar papéis de importância aos olhos dos simples e dos humildes.

Tenho o cabelo preto, com bastantes brancas, e agora uso-o cortado muito rente. Nunca fui simpático nem agradável. Um dos meus martírios foi sempre ver-me ao espelho: tenho o rosto assimétrico, os olhos divergentes, as orelhas espalmadas. Ah, se um aspecto insinuante contribui para nos fazer triunfar na luta pela vida (pensava eu), com certeza que devo os meus insucessos aos caracteres que me distinguem! É bem certo que os homens olham com desprezo e rancor os seres defeituosos. Senti-o muitas vezes... Ultimamente o meu estrabismo acentuou-se.

Na escola puxavam-me as orelhas desumanamente. Seria isso o que as tornou tão grandes? Tinha eu sete anos quando uma velha, que visitava a minha mãe, me disse, acariciando-me a cabeça:

— Meu lindo menino, tem as orelhinhas gran-

des. Há-de ser muito rico... As orelhas grandes são sinal de fortuna!

Com as minhas orelhas esticadas, fiquei à espera da sorte grande, que nunca veio.

Ainda há dias, no gabinete do director, olhei-me de relance no espelho. Fez-me pena e revolta a minha imagem. Os ombros estreitos e avançados, o peito cavado, a cor macilenta.

Quem olhar para mim, verá logo o pequeno triste e pálido que eu fui, batido pelos reveses que um destino incompreensível costuma acumular sobre as crianças tímidas e débeis. (Era por isso, com certeza, que eu cria tão fervorosamente em Deus e nos santos.) Suportei caprichos indecorosos de colegas brutais e passei sob a indiferença, alta como os arcos das Águas Livres, de mestres e prefeitos.

Nunca me olharam com carinho — excepção feita de minha mãe, que tinha sempre os olhos rasos de água. Desde cedo, por isso, armazenei desejos de uma ternura nunca experimentada e sonhos de vingança.

Um dia, uma garota deu-me um beliscão e fugiu a correr e a gritar:

— Adeus, ó pata-choca!

— Ó pata-choca! Ó pata-choca!

Um riso imenso encheu a escola. Escorregou-me das mãos trémulas o pão seco do lanche. Fiquei vermelho e confuso, no centro duma roda enorme e viva que se agitava e abria para mim cem, duzentas bocas em riso, como outras tantas dentadas. Tentei fugir, romper o implacável bloqueio. Impossível: fui recebido a pontapé,

transmitido a empurrão, coberto de arranhões e de escarros, como um Cristo. Rolei no chão. Chorei, com a cara escondida no pó. Desci ao inferno, queimado de ódio e de dor.

— Ó pata-choca! Ó pata-choca!

Aqueles risos infantis encheram tudo, transbordaram, impregnaram a minha existência inteira. Dali em diante fiquei sendo o «Pata-Choca».

Alguns colegas mais sensíveis, encontrando-me na rua, ao domingo, num passeio, fitavam-me com um olhar indulgente e apiedado, que me ultrajava horivelmente, e diziam baixinho aos pais ou aos irmãos:

— Ali vai o «Pata-Choca»...

Os outros até na rua me perseguiram:

— Adeus, ó «Pata-Choca»!

Quando a minha mãe soube que eu era o «Pata-Choca», a sua dor fez-me sofrer como nenhuma ofensa. Chorei toda uma noite abraçado ao meu travesseiro de palha. Ao menos esse, se era impassível, não me ultrajava nem repelia. E para mim nada havia, então, mais cruel do que a ideia duma dor causada a minha mãe. A mulher, que nela me aparecia venerável, quase divina de humildade e amor, surgia-me cruel e hostil nas companheiras da escola.

Perseguido por todos os lados, solitário, entre o riso, a força e o desprezo, não transpus logo em ódio e revolta todo o meu instinto afectivo de criança infeliz. Foi no sonho que eu me encerrei. Por esse tempo, meu pai morreu vítima dum acidente de trabalho: foram encontrá-lo no

fundo dum tanque de cerveja, com o crânio fendido.

— Vai para casa, ó «Pata-Choca»! — E atiravam-me pedras.

— Vocês não-de pagá-las! — respondia, engolindo as lágrimas.

Depressa esquecia a vingança e punha-me a architectar sonhos em que eu fosse o chefe e eles os soldados. Nunca pagaram coisa alguma. Cedo me convenci de que a lei da vida é a injustiça. Eles iam para a bela vadiagem, armar guerras e jogar a barra e os estafetas nos terrenos cobertos de relva onde hoje se erguem tantos prédios banais. Eu não podia bater-me como eles, nem correr tão depressa, nem atirar pedradas certeiras. Como inimigo, era desprezível; como aliado, comprometedor. Nem mesmo vencido fui: olhava-os de longe.

Aos doze anos perdi minha mãe numa epidemia de tifo. Levaram-na para o hospital, e nunca mais a vi. Passei dois dias em casa à espera dela. Ao terceiro dia veio um polícia com um papel. Levou-me à esquadra, deu-me de comer, e, como me perguntasse se tinha cá família, lembrei-me do Conselheiro da Rua do Salitre, que tinha uma passadeira e palmeiras em vasos na escada.

Conduziram-me lá. Entrei pela porta de serviço e ali fiquei. O Senhor Conselheiro fazia-me a esmola: talvez a troco do polimento que minha mãe pusera, em muitas noites árduas, nos seus

altos colarinhos de ver a Deus e a el-rei. Supliquei-lhe, a tremer, que me não mandasse para o asilo. Sorriu. Fiquei a comer com as criadas, na cozinha, e a dormir na mansarda. Pela janelinha oval eu via ao longe o Tejo e os veleiros que rastejavam na superfície lustrosa e azul das águas. As criadas riam-se de mim, chamavam-me «botocudo» e regalavam-me de sopas: matei a fome de muitos anos. Havia nelas alguma coisa de piedoso que me reconfortava, ternuras de maternidade recalçada, severidades bruscas.

— Que havemos nós de fazer desta prenda? — disse um dia o Senhor Conselheiro, torcendo-me uma orelha, paternal. Eu encolhi-me, todo confuso. — Que sabes tu fazer, rapaz?

E eu, moita. As criadas riam, em redor:

— Come como um brutinho, benza-o Deus!

Eu bem sabia que, sem o tempero amargo da humilhação, não há sopas para os pobres deste mundo.

— Sabes tu ler? e escrever? E contas, sabes tu fazer contas?

Peguei atabalhoadamente no lápis que me estenderam, e, sem falar, feliz de poder provar que sabia alguma coisa, somei, dividi, multipliquei à toa... Na minha pressa, creio que errei tudo.

— Tens que me aprender bem essa tabuada, ouviste? Se não me souberes de cor a tabuada, comes comida de urso. Sabes o que é comida de urso? — rematou o Conselheiro, entre severo e risonho. Já tinha sido governador civil.

Deu-me cinco réis para comprar a tabuada na capelista da esquina. Escolhi uma de capa cor de violeta. E todo o dia, sentado a um canto da cozinha, onde as criadas riam, cochichavam de homens e cantavam com fragor, eu absorvia-me na tabuada e no sonho. Sentia-me em todo o caso mais seguro ali, na cozinha sempre quente e cheia de aromas apetitosos.

O Senhor Conselheiro era viúvo e tinha um filho militar, que passava longas temporadas fora de casa. Quando voltava, nunca deixava de ir à cozinha meter-se com as mulheres. Elas riam-se e diziam-lhe de brincadeira:

— Olhe, menino, o seu paizinho arranhou agora outro filho... E é parvinho, coitado!

Davam guinchos histéricos, chorando de hilaridade, e o tenente sorria, vagamente perplexo. Parecia procurar na minha cara alguma semelhança com o seu papá: mas o exame deixou-o descontente de mim, enojado, e fez uma careta. Eu tinha-lhe medo, a farda dele arranhava, parecia repelir-me. Era deste rapaz galante que as criadas falavam quase sempre, com uma insistência maníaca: das amigas que ele tinha, dos seus bródios, das doenças que apanhara lá por onde andava com umas e com outras...

Todos os domingos, por ordem do Senhor Conselheiro, eu ia à missa com as criadas. A minha crença em Deus e nos santos era toda espontânea e pessoal, e a minha imaginação não inventara o céu nem o inferno. Mas as igrejas atraíam-me com a sua frescura nos dias cálidos de Estio, a solidão e os ecos marmóreos,

os tocheiros lacrimosos e os altares de talha doirada, os painéis e as imagens sem expressão, a música e as flores artificiais. Conseguia mesmo chorar de arroubamento em certos passos da missa cantada. Não me foi, assim, difícil assumir a aparência exterior do crente. Além disso, conhecia o preço das minhas sopas. Era uma nova técnica de vida.

O Senhor Conselheiro recomendou-me ao padre, que era baixo e gordo, avançado em anos, e tinha uma perna mais curta, com um sapato de sola imensamente grossa: gostou de mim, acariciava-me muito a nuca delgada, e conduziu-me com mão paternal através dos meandros do Catecismo.

A dada altura passou mesmo a levar-me para trás do altar-mor e para os recantos sombrios da sacristia deserta, onde o seu pigarro soava como uma trompa de além-mundo, no silêncio. Ali me instruí.

Cioso de agradar ao Senhor Conselheiro, fiz progressos consideráveis nos Mandamentos e nas Virtudes Teológicas, e até no capítulo dos Pecados Mortais e Veniais. Não era muito diferente da escola, com a vantagem de que eu me sentia ao abrigo dos embates do mundo: não havia garotas para troçar de mim, nem matulões a brutalizar-me, nem vigilantes de cacete em punho, como o «Espadarte», a fazer-me pagar, inocente, pelas maldades alheias. Tudo corria numa atmosfera de mistério e suavidade transcendente, que excitava a minha curiosidade sem me afectar de outro modo. Cheguei a ajudar

à missa, mas não tinha voz que prestasse para nada.

O cura propôs um dia ao Conselheiro que me deixasse seguir a carreira das Ordens:

— Com a cabeça que tem, este pequeno ia longe...

O Senhor Conselheiro franziu a testa:

— Contas, contas é que ele precisa! Trabalho!

Era pela Cartilha contra o Catecismo, um liberal.

Depois da missa, no bom tempo, as criadas levavam-me a passeio nalgum jardim público, onde havia sempre uma banda militar num coreto. Aproveitavam a folga e a música para se encontrarem com algum marmanjo, às vezes homens de farda. Cochichavam, riam-se muito, e eles agarravam-nas, queriam levar a conversa mais longe:

— Olha o botocudo! — diziam elas. — Vai contar tudo ao badana!

Eu fingia que escutava a *Alma de Diós*...

À noite, o patrão mandava-me chamar à sala de jantar, que me metia medo com os seus móveis escuros, todos em torcidos e tremidos, e interrogava-me arrotando, de palito nos bigodes:

— Sete vezes sete? Nove vezes seis?

Dei em responder tudo às avessas, olhando-o de soslaio, para o experimentar. Ele olhava-me desconfiado e incerto, e procurava a tabuada, que eu escondia.

— Hã? Tens a certeza?

Percebi que ele não entendia nada de contas, e secretamente gozei. (Este homem respeitável veio a ser, tempos depois, ministro da Fazenda d'el-rei). No fim chamava-me paternalmente cabeça de burro, e acrescentava:

— Anda, vai lá para a cozinha, que te dêem de comer. O teu mal é fome, rapaz!

Saía da sala de jantar com a boca cheia de água e de cabeça baixa. Mas eu tinha queda, sobretudo, para o cálculo mental.

Tempos depois, um belo dia empregaram-me numa loja da rua, sob a condição de o patrão me deixar frequentar uma escola nocturna. Mudei de mansarda e de cozinha. As criadas vinham ver-me às vezes, de corrida, e perguntavam ao patrão:

— Que tal vai o botocudo?

Em atenção à qualidade do freguês, e como eu não recebia ordenado, só a cama e o prato, o merceiro deu-me uma vela de estearina para que eu pudesse ler na cama. Foi um tempo feliz. De começo tive medo dos ratos que pululavam na loja e no meu sótão. Depois afiz-me a eles, e tornaram-se uma companhia. Alguns vinham comer à minha mão. Quando o patrão retirava a escada que me dava acesso ao buraco e eu fechava o alçapão, ficava como um senhor no seu castelo feudal.

Notei que ele roubava no peso das compras que iam para casa do meu benfeitor, mas nunca disse nada: não sei porquê, parecia-me justo

que o Conselheiro pagasse mais caro do que os pobres o bacalhau, o arroz e o azeite de que se nutria a sua clientela. O meu patrão era da província, odiava os padres, a monarquia, os conselheiros, o «varejo», e tratava-os a todos por «cambada». Mas quando, da porta da loja, via o Senhor Conselheiro apear-se do seu cupê, dobrava-se em vénias e desfazia-se em sorrisos.

— Vossemecê não manda o rapaz à missa, seu Sabastião? — perguntavam as criadas.

— Não me venham para cá com padres nem com missas! Cambada! Isso é bom lá para vocês, que gostam de homens com saias!

A estas palavras sacrílegas, as mulheres fugiam porta fora rindo escandalosamente, chamando-lhe carbonário, e que haviam de ir contar tudo ao patrão. Que fossem, relaxadas, rosnava o merceeiro. Quando elas voltavam, dava-lhes figos secos e outras guloseimas. Aprendi com ele a enganar o «varejo» e a puxar para a caixa. Quando o Conselheiro parou um dia à porta, a perguntar por mim, o Sebastião agarrou-me nas peles do cachaço:

— Bom rapaz, sossegadinho e fiel, e puxa muito prà caixa. Um burrinho de carga, sim senhor!

O Senhor Conselheiro deu-me um tostão de níquel e saiu majestosamente, meneando as ancas vastas entre as sacas de batatas e de arroz.

Pouco a pouco deixei de o ver. Tinha sempre um trem à porta e um sujeito de farda e boné

agaloado: era um «correio de ministro». Passava horas sentado num degrau, a ler o jornal, e às vezes entrava às furtadelas pela porta de serviço.

Quando, dois ou três anos depois, por morte do meu patrão, que ficou não sei onde durante uns motins, os herdeiros me puseram na rua, senti-me só e fui bater à porta do Conselheiro. As janelas estavam todas fechadas e forradas por dentro com papel pardo. Tinham acabado de proclamar a República, e uma criada desconhecida, vestida de luto, informou-me que o Senhor Conselheiro estava para fora, no estrangeiro, por causa das desordens e dos tiros. Era um episódio que findava. Comecei então a viver só, de mim mesmo. Nunca mais vi ninguém daquela casa.

A imaginação é na verdade um vinho perigoso e sedutor. Eu achara esse refúgio, como se, numa grande casa povoada, tivesse descoberto a porta dum jardim oculto e silencioso, meu domínio exclusivo. A vida passava por mim sem ferir esse dom de me elevar. (A própria morte de minha mãe não teve sobre mim a influência terrível que eu acima de tudo receara.)

Esperava com secreto ardor as horas solitárias da noite, para erguer a minha exaltação nervosa até ao delírio visionário, na obscuridade e no silêncio.

A vida exterior nada tinha com o meu sonho. O contacto das pessoas e a acção eram-me odio-

sos. Na embriaguez da imaginação, porém, eu convivía, agia, era *alguém* num mundo social criado pelo meu desejo. Mal apagava a luz, surgia de todos os lados aquele tropel de imagens, de enredos, de aventuras. Algumas eram-me queridas — e eu continuava-as ou repetia-as noites e noites seguidas. Confundia-me com as ardentes imagens e partia com elas à louca aventura, ou para um amor que talvez nunca a realidade tenha chegado a dar-me. Possuí tesouros, os maiores do universo, inesgotáveis. Dominei, revesti-me do doirado esplendor da glória. Em batalhas cruéis, montado em fogosos ginetes, muitas vezes fiz reluzir a minha espada, que redemoinhava e abria um sulco de morte e de terror nas fileiras inimigas. Lutei, venci, dominei. Atravessei cidades conquistadas por entre o estrépito das trombetas de guerra, a palpição multicolor dos estandartes e a turba delirante. Fui alternadamente cruel, generoso e apaixonado. As mais lindas mulheres, lânguidas, tépidas e nuas, que arrebatava para o meu castelo inexpugnável, desmaiavam de amor no meu abraço, resplandecentes de brancura, ébrias de paixão, as bocas vermelhas entreabertas, os olhos desvairados, os seios agressivos, os cabelos soltos.

Amei com luxuriosa paixão essas vagas mulheres de que o sonho povoava a vida obscura dos meus sentidos. Bastava-me alongar os braços, nas trevas, para segurá-las e possuí-las; as minhas mãos crispadas agarravam sombras, o meu corpo vibrava, contorcia-se, enquanto eu

murmurava palavras de ternura, beijando outras bocas impalpáveis, até que o sono e o cansaço me venciam. A manhã vinha encontrar-me acabrunhado, desiludido, com mais horror pela existência. Pobre criança triste, no meu instinto desabrochava doentamente, tocada pela vara da imaginação, a flor rubra e caprichosa do desejo.

Nunca mais a vida me ofereceu idênticas vitórias, nem sensações mais fortes. A realidade, mesmo no amor saciado, ficou sempre abaixo do meu sonho; nem houve nunca corpo de mulher que pudesse galvanizar-me num espasmo tão intenso e profundo como esses que eu sonhava solitariamente, nas longas insónias da minha puberdade.

As recordações desse tempo voltam-me confusas, atropeladas. Como sofria, naturalmente procurava esquecer. Sei que odiava a luta, a corrida aos prémios. Revoltava-me a vida, mais custosa e violenta para os fracos. O meu pão era amargo. Desejei alguma coisa que vagamente suspeitava na existência. Ao contrário do que hoje penso, dizia comigo: «Os outros é que têm culpa do que eu sofro...»

Desejaria amar sinceramente alguém, ser alegre, tornar alguém feliz: mas a amargura da vida comunicava-se a todos os meus pensamentos e aos meus actos... «A alegria e a bondade são privilégio dos fortes», pensava. E, no entanto, reconheço agora que não era, sob certos aspectos

tos, menos feliz que muitos por quem sentira inveja.

Nunca, a bem dizer, ambicionei o quer que fosse. A minha vida era um desejo vago, indefinível, doloroso. Mas cumpria. Fui honesto e moderado. O meu trabalho merecia elogios. A alma, porém, andava muito acima disso. Freqüentei mais tarde um modesto café, onde ia à noite ler o meu jornal, ouvindo as vozes breves, os risos dos jogadores e as pancadas secas das bolas, no bilhar.

Servi num grande número de lojas e escritórios. Mas era duma inconstância inexplicável. Em certos dias, acorria-me à cabeça uma súbita revolta, um desejo de ser livre, de me comandar, de correr as ruas sem destino, de respirar plenamente o ar fresco e salino dos cais, de trepar às colinas e olhar lá de cima durante muitas horas o horizonte vago, a linha irregular dos montes, o casario fugitivo e caprichoso, o fumo dos navios, o rio lânguido que se entrega ao mar... Nesses dias recusava-me a cumprir a ordem mais simples. Uma observação exasperava-me até à fúria. Ninguém tinha mão em mim. «Este rapaz é doido!», diziam. Punha o chapéu, dava as boas-tardes, e nunca mais voltava.

Sentia-me outro. Os meus tendões pareciam de aço. Algumas vezes respondi com insultos às censuras, e até com pancada. Donde me vinha a força?

Era no tempo em que abundava a moeda de prata. Uma tarde, tive uma curta e violenta altercação com um guarda-livros, meu superior,

a quem aliás votava estima. Perto de nós alguém estava a contar dinheiro, e empilhava as moedas em cima duma grande mesa. Numa explosão de fúria, deitei-lhe as mãos e tombei-a no soalho, por onde as moedas rolaram, chocando-se e tinindo, perdidas sob os móveis e nas fendas.

Como os outros, acusava-me então de louco. Mas depois destas cóleras brutais, a minha vida tinha um sabor de infinita liberdade e alegria. Passava alguns dias vagueando, dormindo ao acaso, comendo em tabernas ou restaurantes baratos, consumindo solitariamente as economias que fizera. Fora disso, era humilde. Fui um bom empregado. Por isso depressa arranjava colocação, quando o cansaço, a necessidade de dinheiro ou de actividade o exigiam.

Assim vivi, trabalhando, durante muitos anos, deixando escoar insensivelmente a mocidade.

Alguma coisa, decerto, mudara em mim; no fundo, porém, sentia-me sempre o mesmo. Mas isso não tem interesse algum. Nem mesmo a historieta banal dum casamento...

Sou, enfim, um homem que passou o melhor da juventude curvado sobre mesas de escritórios escuros, acanhados, duvidosamente limpos, fazendo escritas e redigindo cartas que em nada me interessavam. O meu destino era obedecer. Assim, a vida por todos os meios me impelia para a ilha solitária do sonho.

IV

CASEI pobre. Mas o meu estado de espírito melhorou com o casamento. Cheguei quase a julgar-me feliz, ao perceber que alguém podia associar-se a mim, partilhar comigo, resignadamente, uma vida banal, sem horizontes. Ganhei estabilidade e acabei por fixar-me em casa dum tal Nogueira, homem afável, de calva rubra e óculos doirados. Ao fim de algum tempo, ligavam-nos laços de afecto que me fizeram esquecer a distância real que nos separava. Ele era rico. Não sei como (ligando certos indícios dispersos, suspeito hoje alguma história sombria), fizera uma bela fortuna em Manaus, onde vivera para cima de trinta anos. A clientela da casa era restrita mas boa. Faziam-se negócios seguros, de qualidade, segundo normas que os tempos de crise tornaram desusadas. Trabalhávamos juntos como dois camaradas. Nunca teve uma ex-

pressão mais dura comigo, e o seu bom humor parecia inesgotável.

— Porque trabalha o senhor desta maneira — perguntei-lhe um dia — se, como parece, tem fortuna?

Encolheu os ombros, sorrindo:

— Amigo, é para não morrer de enfado. Esta coisa enferruja se a gente não se mexe. Em que quer você que eu empregue meu tempo, e meu dinheiro, solteiro e velho como sou? — Pôs-se muito sério, quase triste: — A inacção dava cabo de mim. Caía aí para um canto. Vou juntando... Alguém o há-de vir cá buscar. E o trabalho faz-nos esquecer de tanta coisa!

— A quem o senhor o diz...

Curvei a cabeça. O trabalho era talvez para mim também uma máscara anestésica.

A casa era ali ao Cais da Areia, num primeiro andar antigo, de tectos baixos de tabuado, paredes amarelas e rodapé de azulejos. As carroças e os camiões carregados trovejavam todo o santo dia no pavimento irregular da rua. Cheirava ao mesmo tempo a gado, a fumo de carvão, a maresia, ao peixe frito das tabernas vizinhas — e ao bafio do escritório. Próximo dali, nas oficinas e armazéns, retiniam ferros. Rangiam correntes nos guindastes dos cais. As vozes do trabalho enchiam-me os ouvidos. Os apitos das fábricas, alegres e estridentes, e as searias dos vapores, de som grave e rouco, faziam trepidar as vidraças. Em certas manhãs de névoa

no rio, sobretudo, a voz dos paquetes e navios de carga que partiam e chegavam, com a sua intonação de mugidos nostálgicos, dava-me a sensação aguda do ignorado, do mais-além, a angústia de estar retido e a ânsia de agitar-me, de rasgar o espaço em direcção a mundos novos para mim... O meu desejo de partir tornava-se doloroso sob a consciência duma inacção que me impedia de sonhar aventuras e viagens, como outrora, na adolescência.

Quando passava junto das forjas, parava, olhando com infantil curiosidade: eram cavernas infernais, cheias de sombras e clarões, onde os homens, negros e vermelhos, semelhantes a monstros, fabricavam estrelas, malhando nas bigornas. Força e violência... A actividade brutal daquela gente inspirava-me a concepção dum grande poema do trabalho — que nunca tentei, sequer, esboçar — e tornava mais humilde e mais pequeno o meu vulto pequeno e humilde. Invejei os homens que, com os seus músculos possantes, criam as formas e o movimento.

Afiz-me, no entanto, ao meu trabalho, calmo na aparência — mais talvez de hesitação e de expectativa que de serenidade verdadeira.

Pouco a pouco, a minha exactidão minuciosa, a minha pontualidade, o meu saber profissional só de experiência feito, ganharam-me a confiança do patrão. Entregou-me comissões de responsabilidade. A certa altura, eu não era apenas guarda-livros, era quase um gerente. O Nogueira deixou de me dar ordens. Aconselhava-se

comigo, ouvia-me antes de tomar resoluções de importância.

O escritório era de pouco movimento. Além do moço do armazém, eu tinha como auxiliar um rapazote. Havia horas de longa solidão, todos os dias. Só a *Remington* cortava o silêncio, martelando sob os dedos hesitantes do empregado, na saleta de entrada. A campainha do carroto retinia, trémula e alegre... Uma pausa. O carroto regressava com um choque seco. E de novo o lento, hesitante martelar...

Ouçõ ainda a discreta pancada do relógio preto, redondo, empoeirado, quase esquecido aos pés do tecto.

Trabalhei assim cinco, seis anos, talvez mais, não sei quantos — nem me importa saber. Todas as recordações formam cadeia, os dias iguais aos dias. O tempo acabou por tornar-se imperceptível. A minha vida não podia ser mais banal. Sentia-me adormecer.

O meu desejo indefinível e sem objecto acalmara depois do casamento. O matrimónio é um sedativo, um ópio, um normativo. Sentia-me incapaz de praticar o mal e o bem. A vida mecanizara-me a tal ponto que não me baixaria para apanhar uma carteira e entregá-la a quem a tivesse perdido, nem para salvar-lhe a honra. Mas também me sentia incapaz de a erguer do chão para a guardar...

Com o andar do tempo, porém, enquanto redigia cartas e alinhava algarismos, ao ranger

submisso e contínuo da pena — como uma nuvem que se adensa, talvez sob a confusa excitação daquele ambiente, ou da modorra da casa (não sei) — ia-se formando por si mesma, num mundo à parte, dentro de mim, a ideia de qualquer coisa de novo e extraordinário: um golpe.

Assisti, de começo sem grande susto, à formação do «plano». Era um companheiro, um hóspede que se instalava em mim sem nenhum esforço, e que eu não tentava repelir. Porque não confessá-lo? Despertava-me interesse a estranha operação que o meu subconsciente começava a realizar.

A minha ideia revelou-se como as paisagens e as fisionomias: primeiro num conjunto vago, depois nos pormenores que a nossa curiosidade vai, pouco a pouco, descortinando, arrancando ao conjunto.

Havia um desenrolar panorâmico de imagens que se repetiam, cada vez mais pormenorizadas.

A pena seguia, na lisura do papel, o seu caminho, cruzando as linhas verticais, encarnadas e azuis, ordenando cifras e algarismos. Dotado por assim dizer de visão dupla, eu acompanhava interiormente o desenvolvimento do projecto, cuja minúcia crescente me surpreendia. Era uma verdadeira gestação espontânea. Todos os dias uma nova tarefa me ocupava: agora, uma viciação de escrita; depois, uma falsificação de nota de depósito; a seguir, um cheque... E a série repetia-se, apurada, lógica, ordenada.

— Está um tempo óptimo! — dizia o Nogueira, entrando no escritório.

— Esplêndido!

— O senhor trabalha, hã?

— Trabalho...

— Bom. Não tem nada que eu faça?

— Nada...

— A remessa do Bonfils?

— A despacho.

— Bom. A conta-corrente de Baptista Irmãos, já...

— Encerrada. Saldo... 7936\$20.

— E duzentos? Belo, eu vou até à rua.

Nem levantava a cabeça. O Nogueira, à medida que a sua confiança em mim se afirmara, ia aparecendo menos. Vinha tarde, saía muito a «tomar ar».

Doíam-me um pouco os rins, de estar de pé, curvado na banca. Quantas vezes me irritara o sofrimento! Noutro tempo, pretextava um serviço na rua para mudar de posição. Mas este novo passatempo eliminou de mim o cansaço e a dor.

Chegava ao escritório, pendurava o chapéu no cabide com um gesto mecânico, despia o casaco, enfiava um guarda-pó comprido e mergulhava no trabalho e no projecto. Era a minha companhia, um jogo delicioso em que me excitava progressivamente. Para mim, a realidade era distinta daquele sonho, como o dia da noite. A minha inteligência adquirira ubiquidade.

O meu trabalho era veloz, perfeito, pontual. O sonho comunicava-me um poder actuante ex-

traordinário. O Nogueira assombrava-se da clareza lacónica das minhas observações, dos meus planos, da nitidez dos meus processos de trabalho:

— Como pode o senhor trabalhar sozinho desta maneira! Tudo sempre em dia, tudo tão claro! Que homem!

Dava-me nas costas uma palmada amigável...

Sim, eu não tinha mão em mim. E o negócio prosperava.

Como explicar isto? As emoções da puberdade são as únicas comparáveis às deste período espantoso. Nunca, desde a infância, eu conseguira uma força interior de exaltação igual à deste sonho em que acabei por mergulhar completamente. Projectava um roubo, longa, cuidadosa, pacientemente elaborado. Como? Pode alguém explicar certos sonhos, que nos parecem duma lógica perfeita e ao despertar nos deixam uma comoção indefinível, uma impressão de absurdo?

É exactamente assim. O sonho é o domínio da loucura dentro da razão. Para além da nossa lógica vulgar, uma outra lógica existe, mais profunda, que só os loucos atingem.

Todo o meu corpo vibrava por fim num desejo misterioso — o desejo duma posse inigualável, transcendente, que viria a ser afinal o meu crime. Mas só agora emprego esta palavra. Oh, embora me envergonhe de escrevê-lo, caí moralmente numa espécie de onanismo criminal!... Nada, para além do sonho, me interessava. Abandonei-me a essa embriaguez durante horas,

todos os dias, e só dela saía para atender um cliente importante, resolver um assunto de maior gravidade ou travar com o Nogueira uma rápida palestra. Ele costumava reaparecer a meio da tarde, com o seu vasto sorriso, enxugando o suor da testa.

— Novidades?

Enrolava um cigarro brasileiro. Daí a pouco espalhava-se na casa um aroma inconfundível, e eu voltava-me para ele, punha-me a escutá-lo distraidamente, a ouvir-lhe os planos, com a pena entalada numa orelha, a mão esquerda na cintura, apoiando na banca o meu braço direito. Câmbios, o Brasil, onde ele pensava ir uma última vez liquidar os seus assuntos... O Brasil, para ele, era sempre a mesma terra afastada, quase primitiva, país de febres, de ouro e de pretos. Conversávamos, e o tom da minha voz, tão sereno, espantava-me, depois do tumulto interior de que acabava de emergir.

— O seu Renato anda trabalhando de mais... Sou eu que lho digo!

— Não, não, isso sim. De mais, eu?

(O «Pata-Choca»! Eles sabiam lá do que era capaz o «Pata-Choca», o mosquinha-morta de outro tempo!...)

— O trabalho para mim, senhor Nogueira, é um grande estimulante. Sou mais alegre e mais feliz quando trabalho!

Dava-me arrepios a lembrança da zona subterrânea que o meu espírito acabava de atravessar. E sorria interiormente, algumas vezes, daquele vício inquietante de arquitetar aventu-

ras. «Como?», pensava. «Eu havia de roubar este bom, este simples homem que se interessa por mim, pela minha vida? Este homem que me deixa entrever um futuro melhor... Não, que ideia estúpida! Seria o último dos miseráveis... Mas isto é tudo um sonho, isto não passa de imaginação...» Enterneci-me. Tive desejos de abraçá-lo e beijá-lo, como a um pai. Lamentei a minha actividade doentia, que acabava, nestas reflexões, por julgar inoperante, inofensiva. Mas, como certos toxicómanos, eu tinha simultaneamente o horror e o orgulho do meu vício. «Tudo isto», dizia, «é o excesso das leituras; é o meu temperamento imaginoso!»

Quando chegava a tarde, ao sair extenuado da minha obsessão para reingressar na vida física, era como se voltasse da imobilidade dum ermo escuro para a luz: fazia estalar as articulações, abria os braços, e o meu espírito recolhia-se às coisas deste mundo, honestas e banais.

V

DURANTE muito tempo trabalhei nisto apenas durante as horas calmas do serviço. Dentro do escritório, continuei a dominar-me na aparência. As imagens não me perseguiram pela rua, e eu sentia-me por vezes senhor dum equilíbrio, duma força, duma lucidez surpreendentes. Dir-se-ia que o sonho era o abcesso fixador dos elementos maus do meu instinto.

Ganhava bem. A minha vida melhorou: mudei-me para um quarto andar nas Avenidas Novas, com bom ar e bom sol, para fugir aos velhos bairros infectos, sujos, onde passara a mocidade, e aos quais, sem embargo, me ligavam suaves e queridas recordações. Mobilei de novo a minha casa, com mais gosto, comprei livros, permiti-me dispor dumas economias para o luxo dum passeio.

— Para quê, tudo isto! — dizia-me a Luísa.
— Vivíamos tão felizes, tão bem, com a nossa

modéstia!... Eu não gosto de passeios. Gosto da minha casinha.

— Fazem-te bem. E o pequeno precisa.

— ...Quando estiver aborrecida, vou até à janela. Ar e sol não nos faltam!

Conservara o hábito da pobreza. Economizava e pensava com ternura no futuro do filho.

— Com o dinheiro destes móveis, quase que se educava o pequeno! Tanto luxo...

Vira, com uma lágrima de saudade, sair de casa o velho aparador de mogno, com folhas e frutos esculpidos num florão, e a mesa oval da nossa casa de jantar.

— Se guardássemos isto? Quem sabe se um dia...

— Não sejas tola. Que ideia fazes tu do futuro?

Eu, pela minha parte, nunca fiz uma «ideia do futuro». Mas gostei sempre de cortar *ex abrupto* com o passado. De meses a meses, abria as gavetas e passava horas a rasgar papéis, apontamentos, tentativas — todo o rasto que o tempo deixa na vida dum homem solitário como eu fui.

— Oh, não deites isto fora!... Tão bonito!

Era uma estampa, um boneco, um desenho do meu tempo da escola.

— Para que quero eu isto? Recordações!...

Eu encolhia os ombros, e a Luísa corria a guardar a coisa numa gaveta privativa.

— Gostava tanto da nossa caminha de ferro... Fomos tão felizes!

— Mas também agora o somos. Porque não?

— Oh...

— Não se vende, então. Temos onde a guardar?

Beijou-me com ímpeto, corou e disse-me: «Obrigada!»

O Nogueira andava satisfeito. Deu-me as chaves do cofre e aumentou a minha participação nos lucros. Passei a assinar quase toda a correspondência. Pegava no lápis-tinta — zz... zz...

— Você, agora, é senhor disto tudo! — Rimo-nos um para o outro. — Um dia destes haremos de fazer a escritura.

Acarinhava o projecto de deixar de vez os negócios, para se ir meter numa quinta, no Minho, longe de Lisboa, onde pudesse acabar os dias como entrara na vida: entre as árvores e um retalho de céu azul... Falava-me frequentemente do seu passado obstinado e lutador. Através das suas palavras, eu espreitava um recanto da paisagem do Amazonas — os jacarés, a floresta enredada, a «cobra do igarapé», que todos os imigrantes da Amazónia contam ter encontrado, ao menos uma vez.

— ...Sentei-me num tronco a descansar o meu bocado, tirei o chapéu largo, e, como o facão me incomodava à cinta, eu tirei ele para espetar na casca grossa do tronco. Se você visse! De repente, quando dei a picada, senti a árvore se mexer e ouvi os cabras gritando: «A cobra, senhor, a cobra!» E abalaram a fugir, deixaram-me só. Tinha-me sentado em cima da cobra do igarapé! Fugi sem destino, e só parei bem longe dali...

Mas nunca mais do que isso. Que fizera por lá? Como alcançara a fortuna? As mãos, tinha-as grossas, mãos plebeias de trabalhador, onde os diamantes produziam um contraste impressionante. Olhei-o...

— Quem andou não tem para andar. Preciso de repouso. Vou nos setenta, e para o tempo que me resta...

Conservava a acentuação brasileira na voz. Respondi-lhe que o achava rijo e moço.

— Aparência, aparência! Quando menos se espera, vem o Diabo e leva a gente.

O seu pensamento era passar-me todo o negócio, progressivamente, reservando-me uma parte dos lucros.

Aterrrou-me a segurança com que se iam realizando as condições exteriores do meu projecto. Não podia detê-lo. Atropelava-me a sua força imperiosa. A certeza de que viria a ser um dia, e por meios legais, dono daquela casa, não esbatia o meu desejo. Ao contrário, as promessas do Nogueira pareciam espicaçar-me. As minhas subintensões eram absurdas, sentia-o bem; mas o sonho alastrava, rolava, impelia-me, quebrando-me a vontade... Comecei a recear o turbilhão que, a princípio, cuidara não passasse dum entretenimento. Era, afinal, como um cancro nos tecidos vivos. Como um doente que sabe a morte que o espera, acreditei subitamente que *alguma coisa tinha de se produzir*, e foi esse império da fatalidade a origem dum terror que só mais tarde me devia abandonar.

Um dia olhei para o Nogueira e disse-lhe, quase sem pensar no que fazia, com o coração às upas:

— Nunca ninguém o roubou?

— Ora essa!

— E se um dia o roubasse?

— Quem?

— Eu!

— Ora adeus! Você pensa que eu não sei com quem lido?

— Pois sim, mas suponha...

— Não suponho!

— Podia muito bem ser...

— Outro, no seu lugar, talvez!

— O senhor deu-me as chaves, eu disponho de tudo!—O Nogueira olhava-me, sorrindo.—O melhor é o senhor guardar as chaves. Eu não preciso delas.

— Receia perdê-las?

— Não, mas...

Arrependi-me da minha estúpida sinceridade, mas a confiança que o Nogueira em mim depositava parecia inabalável. Isto deu-me uma alegria selvática, feroz, e ao mesmo tempo um terror sem fim. Desinteressei-me por completo do futuro. A ideia do meu filho... Mas nem mesmo já essa me detinha.

As minhas ideias eram clarões. Pensava por imagens. Vivia em permanentes contrastes de euforia e de terror. O eixo da minha vontade deslocava-se brutalmente. «Isto é irremediável. Oh, meu Deus!» As mãos tremiam-me. «Pois se isto há-de ser teu, que seja já, que seja já!»,

pensava. «E porque não? O velho cada vez confia mais...» — «Não pode ser! Não pode ser!» A força dessa voz intimidava-me, ia dominar-me... Já não podia ouvir, sem me impacientar, o martelar da *Remington*, a pancada seca repetindo-se indefinidamente e o timbre do sinal, que umas vezes tinha não sei que riso diabólico, outras parecia segredar-me incitamentos.

O meu trabalho, que fora num crescendo de precipitação vertiginosa, começou a tornar-se confuso. Com facilidade me irritava. Um esforço de atenção mais aturado exasperava-me. A minha caligrafia tornou-se irregular, era-me preciso um esforço enorme para segurar a caneta entre os dedos, e enganei-me nos números, nas contas. Entre o momento em que olhava uma verba e aquele em que a lançava num livro, ela transformava-se na minha pena, como por arte mágica ou prestidigitação. «Como errei eu isto?» Os erros angustiavam-me. Davam-me a noção do meu desdobraimento, do meu automatismo. (De facto, reconheci que a *força* era distinta da minha vontade, e obedecia-lhe.) Tinha vertigens, rangia os dentes, a vista escurecia-se-me, durante instantes perdia a consciência — e voltava a mim, para recomeçar. As articulações doíam-me, como se chumbo derretido as queimasse, e vinha-me o desejo brutal de exercer forças, crispando os músculos... Via-me forçado a suspender frequentemente o trabalho. Mais de uma vez parti o aparo contra a mesa, num gesto brusco de impaciência. E o peito oprimido, de quando em quando a dispneia...

«Eu tenho mas é uma lesão...» Experimentava repetidamente a necessidade de ar novo e movimento. Saía a refrescar a cabeça e os pulmões. Ia até aos cais ver os embarques, aquela agitação que noutro tempo me distraía, tentando reatar o meu velho sonho de viagens a distantes continentes.

Debalde. A ideia ferrara-me na vida uma garra impiedosa. Já não me abandonava, como dantes, na rua, no bulício da gente. A existência tornou-se-me desesperadamente lenta e monótona. Cheguei a ser brutal...

— Que tens tu? Andas doente? — perguntou-me um dia a Luísa, que fitava com terror a sombra crescente nos meus olhos.

— Não tenho nada! Trata da tua vida.

Por esse tempo, como um navio cuja amarra se partiu, e navega sem governo, comecei a abandoná-la. Um outro amor, abstracto, imaterial, incoercível, começava a ocupar em mim o lugar dessa afeição tranquila — o amor do fantasma que em mim se gerara e concebia lentamente. Sim, era um verdadeiro amor, um estranho narcisismo, uma embriaguez deliciosa e odiosa, que me queimava as energias afectivas, como as amantes que adivinham os nossos mais ocultos desejos, para os satisfazer até à loucura, o esgotamento e a morte.

Apenas me restava força para amar o meu filho. Oh, esse eu continuava a amá-lo, a ver na sua carne branca o reflexo palpável do meu

ser... Tudo o mais odiei. Repeli quanto se opunha ao meu projecto.

Apeteceu-me florir o escritório, embelezá-lo, dar-lhe aparência, um ar moderno, espalhar um perfume qualquer naquela sala viciada pelos maus pensamentos e o cheiro a mofo. Quando ali entrava, agora, entristecia, desalentado e ao mesmo tempo colérico. Apetecia-me ir ao cofre, arrancar-lhe o dinheiro e fugir, liquidando duma vez o que algum dia viria a ser meu.

«Mas porquê? porquê?» Como subira o passatempo a mau desejo, a obsessão, até se apossar das minhas fibras mais íntimas? «Agora já é tarde, meu Deus!» Caíra sob o poder duma sugestão de que nada podia libertar-me. Quem podia resistir àquele combate absurdo e desigual? «Vou soçobrar, deixar-me arrastar pela corrente...»

O Nogueira entrava, rubro, ofegante, limpando a calva, com os olhos sorridentes por detrás dos óculos brilhantes — e eu já não sentia a mesma calma: era antes um terrível azedume. E tinha de apertar as mãos uma na outra, para não...

«Mas não, isso nunca!»

Era a lógica do *outro*.

Comecei, não sei como, a odiar o velho. Suspeitei que me espiava disfarçadamente.

Vinha a horas sempre diferentes. «Quer-me surpreender em flagrante delito.» Mas que delito? Se eu não furtara coisa alguma! Em certas horas, no entanto, ao vê-lo entrar, eu estremejava como se, na verdade, ele me tivesse surpreendido em flagrante.

Tomei precauções para o despistar. Preparei confusões, discordâncias na escrita, erros destinados a aguçar-lhe a curiosidade, para depois os desfazer triunfantemente, renovando a sua confiança em mim.

Ria-me a sós, com um riso doloroso e cruel, satisfeito com a candura do velho. Muitas vezes, porém, a sua confiança estúpida me exasperava: «Porque não suspeita? Porque fecha os olhos, o imbecil?...» Mas ele não queria... Abanava a cabeça:

— Resolva o senhor como entender. Tenho fé que tudo se há-de esclarecer.

Este jogo perigosíssimo embriagava-me: levá-lo até aos limites da suspeita, e bruscamente retomar-lhe de assalto a confiança. Infelizmente, ele não podia compreender que essa confiança me desarmava para a minha própria defesa. Via-me forçado a explicar-lhe:

— Afinal, resolveu-se aquela confusão de que ontem lhe falei...

— Melhor, melhor. Eu bem lhe disse!

— Imagine que...

— Deixe, deixe, não tem que ver.

Ia-se embora: não queria explicações!

Muitas outras vezes desejei ardentemente a sua presença, no pavor de não poder resistir mais àquilo. Oh, a minha vida foi uma tortura bárbara, mongólica, que suporrei com a coragem de um estóico.

As minhas mãos, lívidas e frias, tremiam ao folhear as notas e os cheques. «Ele não pode saber... Ele não pode...»

Para não estar só, abria a porta de vidro fosco e punha-me a conversar com o empregadito. Um dia, notei que me olhava espantado:

— Que estás tu a olhar para mim dessa maneira?

— O senhor está doente? Sente alguma coisa?

— O quê?

— Tem hoje uma cara...

— Que tenho eu na cara?

— Não sei... Parece outro, acho-o mudado! Olhei-me num espelhinho: estava irreconhecível.

— Não tenho nada, é parvo! — respondi furioso, bruscamente apavorado. Dirigi-me para a porta da escada, hesitante.

— Senhor Renato...

— Não me maces mais!

— Olhe o seu chapéu...

O rapaz estendeu-me, a sorrir, o chapéu que me esquecera. Espiar-me-ia ele também? Faria isto para me perturbar? Olhei-o de tal modo que o fiz recuar um passo. Desci a escada, enraivecido, pensando: «Uma criança descobre a minha agitação, atreve-se a brincar comigo. E ele não percebe nada, nada!» A sua cegueira tornava-mo duplamente odioso. No dia seguinte não me atrevi a olhar de frente o empregado. A sua presença incomodava-me. Era uma testemunha perigosa. Tomei-lhe medo. Um pretexto, e tê-lo-ia despedido logo.

O meu desejo foi correr ao cambista da Baixa onde o Nogueira passava as tardes e gritar-lhe: «O senhor não vê que eu me perco? Mande-me embora, ou mande-me prender!»

Os actos não são quase nada. O delito é a obra do pensamento. E para esse não há grades nem prisões...

VI

A vida apagada a que me afiz sem esforço começa a pesar-me. Além da minha angústia, sinto um começo de revolta. Noutro tempo, os serões eram curtos e tranquilos. Lia, e no silêncio da minha casa, junto do candeeiro que iluminava a costura da Luísa, apenas se erguia, calma, a voz dos nossos pensamentos. Agora, uma torrente devasta-me interiormente, ruge, não me deixa perceber o que leio. Fecho o livro, desesperado, ao fim de poucos minutos de esforço para ler. Ardem-me os olhos. Diante deles, as letras dançam... O tempo é lento, odiosamente lento. E não acalmo. Já não é só o mal do espírito, o que eu tenho: é uma doença física. Tento reagir...

O quê?, levar os serões a bocejar, ou a trabalhar, até ao fim de tudo, ao pé desta mulher modesta, sempre amedrontada? A existên-

cia filtra-me um sabor a definitivo que me aterra.

O rumor e o riso... Aqui ninguém já ri. O meu filho é uma criança triste, capaz de brincar com uma palhinha, um nada, um dia inteiro. O meu corpo reclama um esforço, alguma coisa nova. Desejo contrastes, uma vida carnal que até hoje não fiz.

Assim estou, prisioneiro, como um expresso o é das linhas duras, intermináveis, dos *rails*. Mas não! É preciso saltar, ainda que, liberto, role no declive, até ao fundo dos abismos, como o trem que descarrila.

A Luísa tornou-se-me indiferente. A sua presença, mesmo, às vezes, parece-me indiscreta. É estranha ao meu conflito e às minhas preocupações. A sua humildade irrita-me, indis põe-me.

Agora saio todas as noites, contra o costume que durava desde o nosso casamento. Desço até à Baixa, entro nos cafés — salas de visitas de quem não tem sala nem visitas — vagueio nas ruas mais iluminadas e nas praças, fumando. Tenho nisto um prazer extraordinário. Como é que eu não tinha descoberto a cidade? Achava perfeitamente natural ficar à noite em casa, ler um livro ou um jornal, deitar-me cedo; era uma aventura sair depois do jantar. Agora, já contrai relações para a conversa. Chego a supor que vou curar-me da minha obsessão... (Que não teria eu feito para o conseguir?)

Objectivos novos. Frequento cinemas, vou ao teatro. A minha audácia espanta-me. Arranjo

apresentações para gente do palco. Há dias dei comigo, não sei como, no camarim duma actriz de revista, para a cumprimentar.

Hein? Estas mulheres que se pintam... Que interesse novo! Parece que nunca as vira. paro e olho para trás. Tenho apetites. As imagens destes corpos quebrados, novos, devassados, brancos... Esboça-se em mim um riso novo.

Sinto-me feliz. A estas horas, o meu pequeno, tagarela, mete-o a mãe na cama, com um suspiro. E ele pergunta: «O pai?... O pai?..»

Consigo reatar algumas amizades dos primeiros empregos, tipos que subiram, que se afirmaram. Há uma certa indulgência à minha volta. Sou outro! Eles têm levado uma vida bem diversa da minha.

Bah, que me importa a consciência? Como deixei passar tudo isto por mim, sem lhe estender a mão!

Quando saio do escritório, já não vou direito a casa, como antigamente. No meio da honestidade insípida da minha vida, experimento a mais absurda atracção do prazer, do vício e da acção.

Uma noite, depois da genebra e do café, um grupo de companheiros lá consegue arrastar-me a um clube.

— ... O jazz?

— Que horas são?

— Meia-noite.

— Não hesites!

O jazz! Resisto:

— Mas eu nunca lá entrei! Vocês são doidos!
Eu...

— ...Só para ver! Entrás e saís!

Deixo-me levar. É-me impossível resistir. Meia embriaguez. (— Bebe outro copo!) Atmosfera doirada. Fecho os olhos, e o meu corpo foge, voa através das coisas, do espaço, para além do tempo. Alegria! Alegria! Oh, que vertigem!

— A mesa dança! A mesa dança! Acendam a luz!

— Está doido, ele é doido. Ninguém apagou a luz!

— Abre os olhos...

Tantos olhos que me fitam! Luz de incêndio... Meu Deus, agora rompe a madrugada... Violetas, violetas num prado verde... Desço ao fundo do mar... Algas, flutuo... É de ouro a luz... Meu Deus, que tristeza, essa voz não se cala! As minhas mãos, mãos de defunto, perderam a força... Se eu pudesse erguer o copo até à boca! Tenho as unhas roxas.

— Não te levantes. Segura-o tu!

— Eu quero... Não... Quem são eles? Também quero dançar...

— É doido, quer agora dançar! Bebe outro copo. Não o deixes.

E a luz... É luz, ou são miosótis que chovem? A brasa do meu cigarro agora é branca, lívida, evanescente, na luz vermelha que reaparece. O luar, que luar! As minhas mãos são azuis — e as unhas roxas... Não pode ser, basta! Que orquestra, senhor!, despedaça-me o coração...

Oh, que desejo de rir... e de chorar! — O Oriente: bailadeiras, tendas, minaretes — que céu fulvo! — e os corpos quebrados!... Ah, ah! Agora! Já não tenho forças para rir. *My heart is now waiting for you...*

— Sossega! Tu partes isso!...

Luz viva! Luz branca!

— Deita mais, enche-me o copo! Isto é alegria, isto vibra, isto grita-me aos ouvidos! *It's a long, long way to Tipperary...* Que riso, que alegria! Tinir de copos no compasso... Tira a mão! E o desejo de aventuras boçais! O mar! O mar! Viajo a bordo... Música de arranha-céus! Olha o negro, aquela besta! Quem é o tipo? Eh, rei-preto! Eh, bobo! Olha, atira a batuta, o palhaço!

Rio perdidamente, num arrepio de alegria louca... Tenho que fazer-lhe alguma coisa. Rio-me... A taça! A minha taça... Estilhaço-a no chão...

— Vocês não viram? Ah! Ah! Ah! Ninguém repara no meu gesto no meio do tumulto. Ninguém... Não sei se falo alto. Eu atirei realmente o copo? Eu grito?

— Vê se te calas!... Este gajo é doido!

— Ninguém! Quero lá saber! Prò raio que os parta... Eu também os não vejo.

Rio, rio idiotamente, amarfanhado no meu banco de veludo. Sou um farrapo. — Como é bom, como é bom libertar-me do corpo... Fitas multicores, enroladas a mim como serpentes... As imagens disformes, hilariantes... Os meus gestos, lentos, incompletos... Meu Deus, que dissonâncias na cabeça... Aperto-a... Cerro os

olhos e parto, num declive, à desfilada... — Oh, que prazer, que alegria, que alegria! E que medo... Segurem-me! Segurem-me! Eu vou cair, EU CAIO! Ah!

— Acorda lá!

Transpus a forma, a luz, a cor.

Que é isto? — Dois braços brancos rodeiam-me o pescoço. Oh, deixa-me roçar os lábios — que frescura! — na tua pele! Como tu és linda... (Ela ouve? Não sei.) Os teus braços refrescam-me a cabeça e os olhos — fechar os olhos e roçar as pálpebras nesta coisa branca e macia... Assim... Assim... O meu rosto queima, hein? Oh, que frescura... Suave, incomparável vertigem!... — Segura-me! Segura-me... — Oh, como eu estou bem assim... Oh, Senhor, é possível sentir-me tão feliz?! Aperta-me... Não me largues mais... Oh, meu Deus! Parece que me abismo, que caio indefinidamente... (*No teu seio redondo, nessa boca a mord...*) — Ê de veludo preto, o teu vestido? Luto...

— Não durmas. Tu vais adormecer. Vamos embora, trouxa!

— O teu perfume! Eu já não sei dizer palavras... Penso-as, balbucio... Como é bom! Como é bom! (Eu sou pequeno, pequenino...) Que suave balanço, dir-se-ia que voo. Doido? Que me importa? Bebi de mais... Calem-se vocês, eu não durmo, sinto-me feliz... Se soubessem como... Ah! Ah! E agora? E agora? (Eles podem lá saber!) — Segura-me! Segura-me!

De novo deslizo, mansamente, velozmente... Ah, que susto!

— Levanta-te!

Obedeço. Vou-me sem vontade, feliz, outro.

— Ela... (Já não me lembro.)

Não tenho pernas. Sonâmbulamente, deslizo no parquê polido; levam-me seguro sob os braços. Todos me olham. Vejo risos. Que bom, sentir-me assim levado, sem forças... O meu corpo? Eu rio (— Põe-te em pé!), eu rio perdidamente, um riso inextinguível, sobre-humano, doloroso, que no fundo me entristece...

Que horas serão? O tempo não existe. E vou...

De madrugada, menos embriagado, ao enfiar na cama o corpo ainda oscilante, batido pelo ritmo bárbaro do *jazz* — que silêncio espantoso agora, o desta casa! — compreendo definitivamente o odioso da minha vida sempre igual, junto desta fêmea indiferente à minha carne. Esta mulher, que não diz uma palavra de protesto, acabou por me irritar. Nem sequer me pergunta a razão da minha extravagância, dos *confetti*, dos restos de serpentinas agarrados ao casaco e ao peitilho da camisa. A minha raiva surda recobra fulgor no seu ar humilde e resignado, nos olhos pisados pelo choro e a longa insónia — os olhos que exprimem dolorosas, mudas perguntas. Antes ela me interrogasse... (Atravessam-me a retina as imagens da noite.) Intimida-me. Não quero dar contas dos meus actos a ninguém. Se ela chorasse ao pé de mim, era capaz até de lhe bater. Estou farto de escravidão! Mas ela não me diz nada. As *outras*, ao menos, não querem saber da nossa vida. E são novas, são diferentes. Quero eu lá

saber do cansaço e do deboche! São interessantes, que me importa o mais!

Não me desculpo, nem lhe dou a mais leve explicação.

— Boa noite.

Amanhece, por sinal. E adormeço profundamente.

VII

CHEGO tarde ao escritório. O empregado espera-me, encolhido nos umbrais da porta. É verdade que sinto dores nos rins, mas trago uma vida nova nas artérias, na epiderme, nos nervos. O sol parece-me de novo alegre. Reparo que tenho melhor cor. A minha obsessão atenua-se sensivelmente. Trabalho com mais perfeição. Vou talvez libertar-me do pesadelo. Sou outro, não há que ver.

Não volto, nesta noite, ao clube. Folheio revistas num café, com uma surpreendente segurança de mim mesmo. Sobem-me ideias agradáveis, projectos optimistas. Desejaria começar a escrever alguma coisa. Regresso tarde a casa, sem ter escrito uma palavra. Será outro dia.

— E se fôssemos ao Bristol?

— O quê, outra vez?

- Fizeste um sucesso!
 — Vais ver hoje a...
 — ... Vocês lembram-se?
 — Oh, é admirável!
 — ...e ele com a taça...
 — Nunca a chegaste a ver?
 — A quem?
 — À *Monna Rubia*.
 — Nunca...
 — ...e foi preciso levá-lo assim...
 — Não, antes quero cerveja. Se tu visses como eu...

— É extraordinária. Tem as pernas mais lindas de... (Palmas.) Só vinte anos, caramba! Perco-me no riso, nas mil trajectórias da conversa. Impossível seguir um diálogo. Frases dispersas, desarticuladas. Como tudo isto me é necessário! Protesto a rir — já não faço um esforço para escusar-me à tentação. Volto. Voltarei sempre. Rio-me sem cessar. Sensação pura, de alegria imotivada. Vejo num espelho o fulgor novo dos meus olhos, o rubor das minhas faces... Sou outro, sou outro. Estou contente comigo.

Agora, chego sempre tarde ao escritório. Como o empregado tem que entrar a horas, dou-lhe uma chave. Todas as noites me reúno a esse grupo de amigos. Quase todos trabalham, como eu, são rapazes honestos. Gostam simplesmente de se divertir. Acho isso natural. O Nogueira recolhe cedo a casa, não há o perigo de saber

onde eu passo as minhas noites. Se por acaso vem a propósito, nunca deixo de lhe falar nos meus «serões de trabalho».

O tempo rola sem incidentes, como uma grande esfera silenciosa e polida.

Abro e esvazio a carteira sem pestanejar. As minhas notas voam confusamente. A bolinha salta, num riso breve e seco. Quem teve uma juventude como eu, alguma vez devia tirar a desforra, não é assim? Eis o que eu faço. Demais, o negócio prospera. O passado e a previdência do Nogueira, a colaboração que lhe prestei, deram à casa uma situação invejável. Recuso-me a admitir um ajudante para a escrita, a pretexto de que posso muito bem com todo o trabalho. Mas a verdade é que uma parte da escrituração, dou-a agora a fazer a um antigo camarada.

Gosto do cinema porque me exacerba a fantasia. Aquele prazer solitário e silencioso, numa sala povoada que a penumbra torna deserta, dá-me a verdadeira plenitude interior, de que tanto preciso. Certos filmes são, para mim, os meus próprios pensamentos animados, projectados na tela.

Entretanto, melhora as minhas relações. Apuro o vestuário, tenho outras exigências de *toilette*, e conheço mulheres cuja posse breve, no fim de contas, representa para mim, pelo menos, um mês de vida caseira. Não me sinto cansado. Durante algum tempo aumento mesmo de peso. Afinal, o prazer é um exercício físico como outro qualquer e um calmante psíquico,

que eu pago generosamente. O que eu tinha era fome disto.

É domingo, está um lindo dia, e o Nogueira aparece em minha casa, muito cedo. Uma estopada — eu ainda na cama, com a barba por fazer, e a Luísa a dar banho ao filho numa azáfama. Traz um cartucho de bolos para o meu pequeno e um corte *tailleur* para a Luísa. Pega no garoto ao colo, fá-lo saltar sobre os joelhos, imitando o galope dum cavalo, ergue-o no ar, dá-lhe beijos, corado, risonho, contando histórias do mato brasileiro. É um avô maravilhado, enternecido. A Luísa contempla-o com um sorriso de simpatia triste.

— Diz *vôvô!* Diz *vôvô!*

— Oh, senhor Nogueira...

Do meu canto, observo-o sombriamente. Este velho parece querer chegar-se, ter família... Irrita-me aquela ideia de fazer-se passar por avô do pequeno. (A Luísa é filha de pais incógnitos.) À saída, mete cinquenta escudos na mão do garoto e promete voltar. Acha-o delicioso, e muito simpática a Luísa.

— Quem sabe? — diz-me esta depois de ele ter saído. — Talvez para o pequeno fosse um bom protector, uma espécie de avô... Porque não havemos nós de o convidar um dia...

Em lugar de responder às suas reflexões, ergo os ombros:

— Deixa-te de tolices. Trata da tua vida. Para pensar no futuro do pequeno estou cá eu.

— A sua senhora tem um ar triste, estará ela

anémica? Faziam-lhe bem os ares do campo... — diz-me ele no dia seguinte.

Esta simpatia deixa-me na defensiva.

Não vá ele meter-se de mais na minha vida, ouvir alguma confidência! Ponho-me a espia-lo.

Quando regresso a casa, já de madrugada, queimado e gasto dos prazeres que se vão tornando odiosamente iguais, vou direito ao quarto, descalço-me, tiro o casaco, desaperto o colarinho, que me sufoca — e ponho-me a ouvir a respiração do meu pequeno. Afasto a cortina do leito: dorme de lado, espalhando na alvura da almofada os caracóis dourados, com a mão direita sob a face, o braço esquerdo ao léu, e a mão fechada, guardando minúsculos, invisíveis tesouros... A cama de ferro estremece ao ritmo da respiração tranquila.

«Dizer que isto há-de ser homem, um dia...»

Uma angústia instrui-me do futuro que lhe estou preparando. Surpreende-me, quase me assusta a graça, a cor desta criança, tão diferente do que eu fui em pequeno, e da mulher que o trouxe no ventre. Tenho orgulho e ciúme. Loiro, é com a mãe que ele se parece. Em vão procuro no seu rosto um sinal, um indício de mim. O narizinho, correcto, ainda mal definido, tem a graça, a frescura duma espuma. As orelhas são perfeitas como jóias, rosadas, pequeninas. Os olhos, claros, são puros, serenos e profundos; cobrem-nos as pálpebras, que parecem de seda, orladas de pestanas loiras, longas e den-

sas. A boca, apetece devorá-la com beijos — é rubra, recortada em pequenas curvas harmónicas, que morrem em duas cavidades miniatúrais... Apontada num biquinho, dir-se-ia buscar um seio ou oferecer-se num beijo. E esta vida perfumada, fui eu quem a gerou! Olho-o e as ideias dançam-me na cabeça.

«É a ti que eu estou roubando!»

A sua cabecinha aparece-me aureolada duma luz distante — uma estrela que eu contemplo do fundo dos abismos... A minha testa sulca-se de rugas. Sinto as veias intumescidas sob a mecha rebelde dos cabelos, onde me vêm assomando muitas brancas. Meto-lhe o bracinho debaixo da roupa e vou em silêncio, abafando um suspiro, para a cama.

Para não me incomodar, ela finge dormir, e o seu corpo deixa-me um grande espaço livre. Bem o percebo no tremor que a agita, na respiração contida.

Renasce em mim a cólera, o desprezo, a vilania, o esquecimento. O desejo do mal convulsiona-me. Chego a crisar sobre ela, num impulso homicida, as minhas mãos de ladrão nocturno.

Sou injusto e cruel, bem o sei. Não percebo este ódio infame, eu que a vi, solteira, tão poética, tão simples, tão digna dum amor constante e fiel, na modéstia dos trajos escurinhos, com as pálpebras lânguidas, ingénuas, sobre os olhos como duas violetas escondidas. Cheguei, na verdade, a ter-lhe amor?

Deito-me em silêncio.

Todas as manhãs durante o almoço tenho no colo o meu petiz. Saio com a boca amarga, depois do beijo distraído no rosto da Luísa, que se vê definhar. Da janela, o pequeno grita-me coisas ternas, insignificantes, atirando-me beijos que me fazem chegar o pranto aos olhos:

— Adeus, paizinho! Adeus, paizinho!

A vozita ri no alto, ao sol das manhãs claras, como um gorjeio de ave arremessando música no espaço... Vejo-o a falar com a mãe, bater a pedra com os pezinhos, apontar qualquer coisa e rir, por entre as grades. Volto-me a dizer-lhe adeus, à esquina (se o não faço, tenho que ouvi-lo, à tarde) e, quando entro no carro, recaio na estúpida monotonia dos meus dias. Sinto que os nervos, lassos do prazer, reclamam repouso e quietação.

O fim do ano aproxima-se.

O Nogueira partiu enfim para o Brasil, onde vai liquidar o seu negócio. Partiu, eu fico só em campo, com a minha vida brutal — noitadas, mulheres, ceias e jogo. Os criados dos restaurantes nocturnos, dos clubes e casinos dos arredores da capital conhecem-me a generosidade e curvam-se risonhos para me saudar. Antes de encerrado o balanço do ano que finda, cobro a minha percentagem, que o Nogueira elevou mais uma vez.

Digo ao empregado:

— Fechamos isto por quatro ou cinco dias. Venha por cá buscar a correspondência, veja o

que houver de urgente, e guarde-ma até que eu volte.

A Luísa pergunta-me, surpreendida:

— Para onde vais tu?

— Viagem de negócio.

— Neste tempo! E o escritório?

— Isso não é da tua conta.

— Escreve-me!

— Talvez. Se tiver tempo, claro.

Seis dias. Durante seis dias, um turbilhão desperdiça-me o fruto do trabalho dum ano. Percorro a Andaluzia de automóvel, com mulheres e amigos. É o último clarão dum grande incêndio.

Num dia nevoento e frio de Janeiro, a minha cólera explode. Voltei esgotado e sem recursos. As contas aparecem em desordem, como se a mão dum louco ou as artes dum bruxo tivessem baralhado tudo.

— Não é possível que fosse eu quem fez isto! Mas fui eu.

Os meus olhos, agora, vêem. É inútil revolver-me contra a nitidez dos factos. Uma amargura insuportável e o desejo de fechar os olhos, dormir ou morrer.

A presença deste empregado pode ser-me fatal. Procuo um pretexto, ponho-o na rua e tomo a serviço um rapaz desconhecido.

O meu cansaço não tem limites, e perco bruscamente o desejo desta vida aventureira que fiz nos últimos tempos. Passo a detestar os com-

panheiros preferidos, furto-me às suas visitas importunas, e deixo de os procurar.

Até onde sobem as minhas dívidas? Não posso calculá-lo. Pago-as com uma serenidade horrível. Os credores roubam-me, evidentemente. Mas não ousou, não posso discutir. Pago, ou melhor, é o cofre do Nogueira que paga.

Os dias correm, sombrios e lentos.

O velho tornou há pouco do Brasil, e a sua presença aviva-me a noção do estado a que cheguei. «Quero lá saber!», respondo a mim mesmo, constantemente. Uma náusea da vida, uma incapacidade para raciocinar, um encolher de ombros indiferente. Ah, se um golpe rude não me vem sacudir, afundar-me-ei pouco a pouco nesta areia movediça.

Traioçoeiramente, quase sem eu dar por isso, a vontade oculta venceu-me. Esforço-me por ver claro na minha ruína — a desgraça do meu filho — mas nem assim me decido a salvar-me. O *outro*, que me inspirou e me guiou, comanda-me o resto; falsifico o balanço, as notas de depósito nos bancos. O Nogueira ri, satisfeito, ao medir os resultados deste ano. Bate-me nas costas uma palmada alegre e enfia-me num dedo um anel de platina, com um belo diamante brasileiro. Agradeço-lhe a lembrança — e dois dias depois vendo o anel ocultamente.

— Porque não põe o senhor o anel que eu lhe trouxe?

— Sabe, não estou costumado a usar jóias de valor. Guardei-o no Montepio.

O negócio do Brasil está enfim liquidado. Durante dias inteiros, enfasiado, escuto pormenores sem fim. O Nogueira resolveu comprar a quinta dos seus sonhos, e confia-me o dinheiro.

Se ele vai ao banco e, por acaso, descobre a falsificação dos depósitos? Para evitar não sei que desgraça, corro a depositar esta enorme quantia. Um fio invisível estrangula-me. Mas não. Ele frequenta a Rua do Comércio — os corretores, um cambista amigo — mas nunca põe os pés no banco.

A vida, assim, é-me insuportável. Não posso fazer um gesto. Sou como os convalescentes que perderam a noção de certos movimentos e precisam de reaprender tudo. Um toque de tambor acelerado põe-me constantemente em sobressalto. Devagar! — não há meio.

Ternura e alegria, sofrimento e amor, tudo quanto forma o passado, o meu passado, está sepultado no fundo deste lodo. Só uma coisa paira e persiste em mim, com o murmúrio casto e musical dum fio de água que nem o Estio mais ardente faz secar: o amor do meu filho. É o que me prende à vida — ao trabalho, à casa, à mulher insípida, cuja submissão me enche de revolta.

Um filho... O amor perdeu, com a satisfação das primeiras curiosidades, o impulso e a chama, e transformou-se num vago enternecimento que se apagou por sua vez, deixando apenas a tarefa. A mulher foi espírito e carne, depois só carne, que por fim se tornou inútil e pesada. O espírito, anseio de criação, abandonou-a com o pri-

meiro filho. Este sim! É a carne da minha carne, prolongamento da minha vida, promessa impressionante e misteriosa de imortalidade... Um filho é um passo da vida para além de nós, um pedaço de futuro que geramos e atiramos para além de nós. A luz que as estrelas, mortas há muito, ainda irradiam no éter.

VIII

CHEGO a casa para jantar. É sexta-feira. O meu filho não vem à porta.

— O pequeno, que é dele?

É a minha pergunta habitual. A Luíza não diz nada. Tem os olhos inchados e vermelhos.

— Responde, parva! Que é do rapaz?

Sacudo-a com força.

— Está doente, está na cama...

— Que dizes tu?

Rompe em soluços tão fortes que empalideço de medo. Agarra-me chorando convulsivamente. A sua dor contida procura um coração. Repilo-a quase brutalmente:

— Deixa-me, estúpida! Que estás tu a chorar?

Não gosto de pieguices. As lágrimas irritam-me, parecem-me de mau agouro. Entro no quarto como um pé-de-vento: na cama descoberta, o meu filho dormita de costas, vermelho, com os olhos cerrados. Tem os punhos na dobra

exterior do lençol, que é duma alvura impressionante. Estremego. Curvo-me sobre ele: respira depressa e com dificuldade. Como de costume, meto-lhe os bracitos moles sob a roupa, e apalpo-lhe a testa: queima. Geme, baixo, sem abrir os olhos. Chamará por mim? Invadem-me o terror e a fraqueza. Sinto as pernas entorpecidas.

— Ele está mal, está mal!

O suor escorre-me da testa e pergunto à Luísa, que me seguiu em silêncio:

— Mas isto como foi? E médico, chamaste algum? Que disse ele? Fala baixo...

Os meus olhos não a deixam. À porta do quarto, com a voz trémula do choro reprimido, conta-me que há dois dias que o pequeno andava indisposto. Não queria comer. Chorava por tudo, queixava-se da cabeça e da garganta.

— Não to disse mais cedo para te não ralar. Julguei que fosse coisa passageira... Não se te pode contar nada, não paras em casa!

Agarro-lhe um pulso, tão delgado, e sinto que treme. Não tenho palavras para dizer-lhe. Um nó aperta-me a garganta. Percebo que ela faz também um grande esforço para falar, e fico a ouvi-la, assim. A sua voz tem um sabor de violetas molhadas...

— Vi-o tão mal... Depois ficou amodorrado. Chamei então a vizinha do lado, pedi-lhe que me trouxesse um médico... Eu nem sei como tive coragem de ficar aqui sozinha com ele!

Mal toco no modesto jantar. Ouço os suspiros da Luísa, que me fita ansiosamente, numa pergunta muda. Nenhum de nós se atreve.

— Então, e tu, não comes?

— Eu nem o posso olhar... Estou tão ralada!

À noite fico sentado ao pé dele. Reprimo os ais que me sobem à garganta. Era o que me faltava! Vejo-o com as mãozinhas cruzadas, no caixão... Ergo-me bruscamente. Está vivo! Mas a visão repete-se vezes sem conto. Ouço-o respirar — o ar raspa-lhe a garganta. Uma lamparina espalha clarões vermelhos, flutuantes, nas paredes. Há um ar de expectativa ansiosa nas coisas. Pareceu-me que ele se tinha mexido... Não, foi a luz, foram as sombras que oscilaram. Realizo fantasmas nas paredes lisas. Cubro os olhos com as mãos para os não ver. De vez em quando o pequeno murmura palavras incompreensíveis. Curvo-me para ouvir. Delira com certeza.

— Então esse médico, não vem?

A dor martela-me o peito, as fontes. Será *ele* que vai pagar os meus erros?

— Porque não hei-de ser eu...

— Tu que dizes?

— Ah, tu estás aí?... Não disse nada.

E penso, desesperado: «Antes ele morra! O quê?! Sou doido! Pode lá ser! Ele tem que viver, eu quero que ele viva, o meu filho! *Eu quero!* Meu querido, meu lindo filho...»

— Que tens tu? Estás a chorar? Não chores...

— Deixa-me. Deixa-me cá com as minhas... As lágrimas não me deixam acabar.

O médico chega, enfim. É um velho simpático, de grandes barbas brancas e lunetas. O seu ar, a sua presença tranquilizam. Parece-me infinito o tempo que leva a examinar o doentinho. Com que vagar ele lava as mãos! Estendo-lhe uma toalha de linho, com barras de renda, e ele desdobra-a cuidadosamente. A Luísa foge, não quer ouvi-lo. Eu fito-o com angústia.

— E então, senhor doutor?

— Vamos a ver. Por enquanto, não faço um diagnóstico definitivo. Não me agrada nada aquela garganta. Má respiração. Eu volto amanhã de manhã. Veja se reanima a sua mulher. Ela é fraca, é nervosa. Dê-lhe um calmante, eu lho receito.

Senta-se à escrivaninha do nosso quarto e escreve em silêncio, com uma letra miudinha, ilegível, pesando as palavras. Parece-me que vou desfalecer. Um relógio palpita angustiosamente em qualquer parte, dir-se-ia que o som voeja através do quarto.

— Ao pequeno...

— Como?

— Mudem-no de quarto quanto antes. Mais ar e mais sol. E nós veremos. Isto para sua mulher. Uma colher de chá a cada refeição. Desinfectem as roupas. Para as mãos...

Dá-nos instruções, serenamente, e guarda no bolso a caneta e qualquer coisa que brilha, tubo de vidro ou metal.

— Passem muito bem.

— Alumia o senhor doutor.

Tento sorrir. A cabeça anda-me à roda. Volto

ao quarto a correr e olho o meu filho. Está mais rubro, arde em febre... Tenho medo. Se chamássemos outro médico?

Tranquilo como posso a Luísa.

Faz-se-lhe a caminha numa casa da frente, onde o sol bate muito cedo. Ali, onde foi a saleta, é agora o ninho duma avezinha doente. As paredes, cor-de-rosa-queimado, reanimam, dão esperança.

Dormito em sobressalto, obcecado por um desejo indefinível. A manhã chega e, abatido pela dor, parece-me que desprezo menos esta mulher honesta e sofredora; fito com piedade amarga os seus olhos, que têm a tristeza de duas nascentes no Inverno... Beijo-lhos — são duas florinhas orvalhadas.

— Vê se tens coragem, filha.

É o meu primeiro instante de ternura desde que resvalei. Desço a escada, uma comoção violenta aperta-me a garganta, e as lágrimas rompem-me novamente. Oh, meu Deus, ainda posso chorar, ainda me comovo, ainda tenho coração!

Olho da rua, por hábito, as janelas fechadas. Vejo o vulto dela, entre as cortinas que arredou, e um lenço branco. Digo-lhe adeus. Tenho um imenso dó, dela e de mim. E remorso, medo, pressentimentos. O meu desterro agora vai ser mais pesado. — Cobarde!

Já não sei andar na rua, de noite. Por toda a parte ele me aparece, sufocado, com as mãos estendidas para mim... O medo amar-